



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**A IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA DOS PAÍSES BÁLTICOS PARA A
OTAN NO PÓS-GUERRA FRIA**

Giovana Schwingel

Lajeado, novembro de 2016

Giovana Schwingel

A IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA DOS PAÍSES BÁLTICOS PARA A OTAN NO PÓS-GUERRA FRIA

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Relações Internacionais do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Mateus Dalmáz

Lajeado, novembro de 2016

Giovana Schwingel

A IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA DOS PAÍSES BÁLTICOS PARA A OTAN NO PÓS-GUERRA FRIA

A Banca examinadora abaixo aprova a Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, na formação específica em Relações Internacionais, do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do grau de Bacharela em Relações Internacionais:

Prof. Dr. Mateus Dalmáz - orientador
Centro Universitário UNIVATES

Professor avaliador 1

Professor Avaliador 2

Lajeado, novembro de 2016

RESUMO

Os Estados Bálticos readquiriram sua independência com a queda da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas no pós-Guerra Fria, no início dos anos 1990. Em pouco tempo, apresentaram não só uma economia estável, como também desenvolveram todos os pré-requisitos para a adesão tanto à União Europeia quanto à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), sendo as primeiras repúblicas do leste europeu a aderir a ambas organizações. Objetiva-se analisar a importância da Estônia, Letônia e Lituânia para a OTAN, levando em consideração as questões geopolíticas e comerciais, compreendendo o interesse da organização na região por meio de uma análise desde o período da ocupação soviética e alemã nos Bálticos, nos anos 1940, até o período pós-independência, nos anos 2000. Utiliza-se o referencial teórico proposto por Buzan (2009) a respeito da perspectiva abrangente de segurança internacional, que considera aspectos econômicos, sociais e culturais para o exame do tema, além das questões políticas e militares. A metodologia aplicada nesta pesquisa é a análise de textos, esclarecida por Cardoso e Vainfas (1997), para os quais a interpretação das fontes requer o estudo do contexto histórico por elas referido. Vale esclarecer que as fontes desta pesquisa são os pronunciamentos de lideranças dos países Bálticos e da OTAN, bem como a bibliografia específica sobre o tema.

Palavras-chave: Segurança Internacional. Geopolítica. OTAN. Estados Bálticos.

ABSTRACT

The Baltic States regained their independency with the fall of the Union of Soviet Socialist Republics in the post-Cold War, in the early 1990. In a short time, they had not only a stable economy, but also developed all the prerequisites for membership the European Union and the North Atlantic Treaty Organization (NATO), being the first republics of eastern Europe to join both organizations. The objective of this research is to analyze the importance of Estonia, Latvia and Lithuania to NATO, taking into account the geopolitical and trade issues, including the interest of the organization in the region through an analysis from the period of Soviet and German occupation in the Baltic territory in 1940 to the post-independence period in the 2000s, it is used the theoretical framework proposed by Buzan (2009) regarding the comprehensive perspective of international security, which considers economic, social and cultural rights to the subject of examination, in addition to political and military. The methodology used in this research is the analysis of texts, enlightened by Cardoso and Vainfas (1997), for which the interpretation of sources requires the study of the historical context for them above. It is worth clarifying that the sources of this research are the pronouncements of leaders of the Baltic and NATO countries, as well as the specific literature on the subject.

Keywords: International Security. Geopolitics. NATO. Baltic States.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Países Bálticos, Mar Báltico e Fronteira Russa	12
Figura 2 – Proximidade entre região báltica e São Petersburgo.....	57
Figura 3 – Área de abrangência russa	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 O FIM DA GUERRA FRIA E O DESMEMBRAMENTO DA URSS	11
2.1 Características dos Estados Bálticos	11
2.2 Da formação dos Bálticos até a primeira independência.....	14
2.3 Os Bálticos na Segunda Guerra Mundial e na Guerra Fria: Ocupação e Declínio da URSS	19
3 OS BÁLTICOS PÓS-INDEPENDÊNCIA E A APROXIMAÇÃO AO OCIDENTE	30
3.1 A década de 1990	30
3.2 A política externa após a independência	33
3.3 Os Bálticos e a Rússia	37
3.4 Os Bálticos e a adesão à União Europeia	40
4 OS BÁLTICOS E A OTAN.....	43
4.1 A Adesão à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)	43
4.2 A oposição à adesão	48
4.3 Os Bálticos nas missões da OTAN.....	50
4.4 Os Bálticos e a questão russa	52
4.5 A questão geopolítica	55
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS.....	63

1 INTRODUÇÃO

Os Países Bálticos, formados por Estônia, Letônia e Lituânia, estão localizados na região nordeste da Europa, na costa do Mar Báltico. Estes países integraram o Império Russo até o período de 1920, quando conquistaram sua independência, e em 1940 passaram a ser anexados ao regime soviético, após um acordo com a Alemanha Nazista. Com o declínio da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) no fim da Guerra Fria, os Bálticos conquistaram novamente sua independência em 1991, e passaram a se aproximar do ocidente europeu.

Ao se desvincularem da URSS, os Bálticos adotaram uma política de aproximação ao ocidente europeu, uma vez que eram contra o regime soviético desde o princípio. Em 2004, os Bálticos passaram a integrar tanto a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) quanto a União Europeia (UE) e, ainda, passaram a utilizar o Euro como moeda nacional alguns anos depois.

A pergunta que orienta esta pesquisa é: qual a importância dos países Bálticos para a OTAN? Se por um lado se percebe o interesse por parte dos Bálticos em ingressar na OTAN no contexto pós-Guerra Fria, quando as Repúblicas recém independentes precisavam de um apoio militar mais forte para se defender de um possível ataque russo, por outro, não há clareza sobre o interesse da OTAN na Estônia, Letônia e Lituânia. Este trabalho tem o objetivo de analisar e compreender o caso dos Bálticos na transição de membro do regime soviético para uma aproximação com o ocidente europeu e alinhamento aos Estados Unidos da

América (EUA), examinando como os países passaram a fazer parte da OTAN e qual é o interesse da organização na região. Além disso, este trabalho pretende analisar o posicionamento da Estônia, Letônia e Lituânia no período de transição entre o socialismo soviético e o alinhamento aos EUA, bem como os objetivos da OTAN e a importância dos países Bálticos na organização.

A hipótese de trabalho é que o interesse da OTAN pelos Bálticos se dá tanto por questões geopolíticas¹, devido à localização geograficamente estratégica da região, que faz fronteira tanto com a Rússia quanto com o Mar Báltico, como por questões comerciais, uma vez que a maioria dos navios mercantes que entram ou saem de territórios russos precisam passar pela região báltica.

O regime soviético da URSS marcou uma parte muito importante da história do século XX, influenciando a política de diversos Estados em seu entorno. Com o enfraquecimento da União Soviética, algumas regiões passaram a clamar por independência, como foi o caso dos Bálticos, que foram os primeiros países a se separar do regime socialista e, desde então, tem se desenvolvido fortemente em diversas áreas. Esta pesquisa mostra-se relevante na medida em que analisa o caso da região Báltica na sua transição de membro soviético a Estados democráticos que vem crescendo fortemente nos últimos vinte anos, além de explicar como a Estônia, Letônia e Lituânia vieram a fazer parte da OTAN, uma vez que após o desmembramento da URSS os Bálticos foram vistos como Estados muito fracos para aderir a organização.

Ainda, serão aplicados os conceitos de segurança desenvolvidos por Barry Buzan, no contexto da região báltica, uma vez que, de acordo com Buzan (2009), “*International Security Studies (ISS) grew out of debates over how to protect the state against external and internal threats after the Second World War*”². Ainda, Buzan define segurança nas seguintes palavras, “*Security’ is [...] about crucial political themes such as the state, authority, legitimacy, politics and sovereignty*

¹ Nicholas Spykman definiu o conceito de geopolítica estando relacionado ao fato de que um dos principais objetivos dos Estados é o crescimento da posição relativa de poder no âmbito interno e externo, o que está diretamente ligado com aspectos geográficos, demográficos, econômicos, sociais, raciais, entre outros (BRAGA, 2011, p. 158).

² Estudos de Segurança Internacional (ESI) cresceram a partir de debates sobre a forma de proteger o Estado contra ameaças externas e internas após a Segunda Guerra Mundial.

(BUZAN, 2009)³. Nas palavras de Walt (1991), Segurança Internacional pode ser definida como o estudo da ameaça, emprego e do controle da força militar, uma vez que a guerra não é o único meio de resolver conflitos.

Karl Deutsch (1957) introduziu a ideia de Comunidades de Segurança Ocidentais em meio à Guerra Fria. De acordo com ele, uma comunidade de segurança previne o uso da guerra contra outros membros da comunidade, pois visa a paz mundial (DEUTSCH, 1957). Atualmente, existem duas comunidades paralelas – a UE e a OTAN. Neste sentido, o conceito de comunidade de segurança será aplicado à região báltica, que é um exemplo de como a cooperação de segurança entre Estados com diferentes afiliações institucionais podem desenvolver paz e estabilidade.

Nesta pesquisa será utilizado o método de análise de textos, que implica na interpretação do conteúdo dos mesmos a partir da análise da forma do texto e também do contexto histórico dentro do qual a fonte de pesquisa foi produzida. De acordo com Cardoso e Vainfas (1997, p. 378),

Considerar o conteúdo histórico do texto dependente de sua forma não implica, de nenhum modo, reduzir a história ao texto, a exemplo do que fazem os autores estruturalistas ou pós-estruturalistas, que negam haver história fora do discurso. Pelo contrário, trata-se, antes, de relacionar texto e contexto: buscar os nexos entre as ideias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se exprimem e o conjunto de determinações extratextuais que presidem a produção, a circulação e o consumo dos discursos. Em uma palavra, o historiador deve sempre, sem negligenciar a forma do discurso, relacioná-lo ao social.

Busca-se, portanto, compreender o significado das fontes através do exame textual e contextual, de modo a realizar uma hermenêutica que valorize o texto e o contexto, sem a submissão de um pelo outro. Vale esclarecer que a maior parte do material analisado se encontra em língua inglesa. Desta forma, optou-se por manter as citações no idioma original, com traduções em notas de rodapé, a fim de não perder sua essência.

Ainda, quanto ao procedimento técnico, esta pesquisa baseia-se na análise bibliográfica, uma vez que utiliza a coleta de dados bibliográficos ou secundárias baseadas em publicações, artigos e livros sobre o tema. De acordo com Chemim

³ Segurança é [...] sobre temas políticos cruciais, tais como o Estado, autoridade, legitimidade, política e soberania.

(2012, p. 71), a análise de dados,

[...] permite a descrição sistemática, objetiva e quantitativa do conteúdo manifesto de uma comunicação; instrumento voltado ao estudo de ideias, e não de comportamentos ou de objetos físicos. Ele permite descrever o conteúdo de livros, artigos de revistas, jornais, discursos, filmes, propagandas, entrevistas, programas de rádio e tevê, programas em geral etc., em que o conteúdo das comunicações é estudado por meio de categorias sistemáticas, determinadas com antecedência, que levam a resultados quantitativos.

Este trabalho está dividido em três capítulos, além da introdução, considerações finais e as referências, sendo que cada um dos capítulos está dividido em seções para facilitar a compreensão e o desenvolvimento do pensamento acerca dos Bálticos. Desta forma, o primeiro capítulo apresenta a região báltica desde o seu surgimento até a queda da URSS, explicando como ocorreu a adesão da região ao regime soviético, e como foi o seu desmembramento. O segundo capítulo, por sua vez, explica como se deu o desenvolvimento da região báltica nos anos 1990, bem como sua posição diante tanto dos EUA como da Rússia, e ainda, a adesão à UE. Já o terceiro capítulo explica como os Bálticos se prepararam para a adesão à OTAN, além de apresentar a contribuição da região à organização, principalmente no que se refere às missões de paz e explicar o contexto geopolítico que engloba os Bálticos.

2 O FIM DA GUERRA FRIA E O DESMEMBRAMENTO DA URSS

O presente capítulo apresenta a região báltica, assim como o período de influência soviética na região. Este capítulo está dividido em três seções para facilitar a compreensão dos tópicos trabalhados. A primeira é referente às características básicas dos três países Bálticos, a segunda trata dos principais fatores históricos da formação báltica desde a idade média até os pressupostos para a primeira independência no período pós Primeira Guerra Mundial, e a terceira seção trata do período soviético, desde a assinatura do Pacto Molotov-Ribbentrop, passando pelo domínio soviético, nazista e novamente soviético, até a queda da URSS e os pressupostos para a segunda independência báltica.

2.1 Características dos Estados Bálticos

A região báltica é formada pelos Estados da Estônia, Letônia e Lituânia, localizados ao nordeste da Europa, na costa do mar báltico (Figura 1).

A Estônia, representada pela capital Talin, possui um território de 45.227km² e 1.313.272 habitantes (EUROPEAN UNION, 2015), representa 0,3% da população europeia, e a língua oficial é o estono. É constituída por uma República Parlamentarista, e sua constituição data de 1992. O texto é uma atualização da antiga constituição de 1920, que teve a execução interrompida pela invasão soviética. Os principais parceiros comerciais estonianos são a Suécia, Finlândia, Letônia e Alemanha, sendo o destino de 18,8%, 16%, 10,4% e 5,2% das

exportações, respectivamente (THE CIA WORLD FACTBOOK).

A Letônia localiza-se entre a Estônia e a Lituânia, possuindo 64.573km² e 1.986.096 habitantes (EUROPEAN UNION, 2015). Cerca de 40% de seu território é coberto por florestas e sua capital é Riga. A população da Letônia representa 0,4% da população europeia e a língua oficial do país é o letão. Assim como a Estônia, a Letônia é constituída por uma República Parlamentar desde 1992.

A Lituânia é o maior e mais populoso Estado Báltico, com um território de 65.286 km² e 2.921.262 habitantes (EUROPEAN UNION, 2015). É representada pela capital Vilnius, e o idioma oficial é o lituano. Seus principais parceiros econômicos são Alemanha, destino de 7,3% das exportações lituanas; Letônia, que representa 9,2%; Rússia, 20,9%; e Polônia, 8,3% (CIA WORLD FACTBOOK). Assim como a Estônia e a Letônia, a Lituânia é representada por uma República Parlamentar.

Figura 1 - Países Bálticos, Mar Báltico e fronteira russa



Fonte: World Atlas, 2016.

Os três Países Bálticos aderiram à União Europeia em maio de 2004, e posteriormente à zona do euro, começando pela Estônia que passou a utilizar o Euro como moeda oficial em 2011, seguido pela Letônia em 2014, e depois pela

Lituânia em 2015. A adesão à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) também se deu em 2004 pelos três Países Bálticos.

Os Bálticos conquistaram sua independência com o final da I Guerra Mundial em 1918. Porém, em 1939, foram anexados à URSS e só se libertaram em 1991 com o colapso soviético. Desde então, as três Repúblicas bálticas têm tomado grandes decisões em conjunto, como é o caso da adesão à União Europeia e à OTAN, que ocorreram simultaneamente.

As Repúblicas Bálticas diferenciam-se uma da outra pela sua cultura e idioma, porém assemelham-se em muitas características, como, por exemplo, a influência de nacionalidades distintas, principalmente russa. Na Estônia, 25% da população é formada por russos. Na Letônia este índice é de 26%, e na Lituânia de apenas 5%. Após a região báltica ser invadida e controlada por forças alemãs e soviéticas, o povo báltico desenvolveu um sentimento anti-étnico⁴ com relação aos descendentes de alemães e russos que hoje habitam a região, sendo eles considerados agressores da etnia báltica devido ao contexto histórico.

A imigração de russos na região aumentou drasticamente durante a ocupação soviética, e hoje um dos maiores problemas enfrentados nos Países Bálticos é o preconceito com os descendentes russos que habitam aquela área. Na Letônia, por exemplo, apenas metade da população era de fato letã em 1989, enquanto que na Estônia apenas 3/5 da população era estoniana (CLEMENS, 2010). Após o fim do controle soviético na região, a Letônia criou uma legislação que dificultou e excluiu muitos imigrantes de se tornarem cidadãos. Até mesmo descendentes russos que nasceram na Letônia tinham de passar por um processo de naturalização para receber os direitos da cidadania caso seus pais não fossem nativos (LOTTMANN, 2008).

Por outro lado, o sistema da Lituânia foi mais tolerante em relação ao processo de cidadania para imigrantes, uma vez que, em 1989, 4/5 da população era de fato lituana. Contudo, o sentimento de desprezo pelos imigrantes na Lituânia foi igual ao da Estônia e Letônia (BRACCI, 2016). Desde o fim da Guerra Fria, diversas ruas com nomes poloneses e russos foram alteradas na Lituânia, e em

⁴ Sentimento de aversão ou ódio a grupos de pessoas que compartilham diferentes culturas, religiões ou idioma (BRACCI, 2016).

2007 a Estônia passou por tensões com a Rússia quando removeu um memorial soviético do centro da capital Talin.

A região báltica ainda pode ser inserida no conceito de complexos de segurança, introduzido por Buzan. Para ele, um complexo de segurança é um grupo de Estados cujo interesse em segurança está extremamente próximo um do outro, de forma que sua segurança nacional não pode ser realisticamente considerada diferente uma da outra (BUZAN, 1991). Neste sentido, a Estônia, Letônia e Lituânia, formam um complexo de segurança, uma vez que dividir valores liberais democráticos pode ter sido um fator de sucesso deste complexo, além do regime internacional de paz democrática seguido por estes países.

O mar báltico inclui diversos modelos de complexo de segurança, sendo o complexo nórdico, formado por Finlândia, Suécia, Dinamarca, Noruega e Islândia, o complexo báltico formado pela Estônia, Letônia e Lituânia, e a junção destes dois complexos resultou no Complexo de Segurança Nórdico-Báltico (MÖLDER, 2006).

Ademais, os Estados Bálticos são formados por um grande percentual de minorias étnicas, que serão apresentados em breve, sendo um dos principais fatores que constitui a cultura báltica.

2.2 Da formação dos Bálticos até a primeira independência

A formação dos Estados Bálticos iniciou-se há mais de 4 mil anos, e a região onde hoje situam-se as repúblicas foi ocupada por diversos povos ao longo da história, *“the first peoples to inhabit the lower Baltic region were a mixture of ethnic groups which arrived around 600 B.C.E. and spanned from the Baltic eastward all the way to present-day Moscow”* (LIEVEN, 1993, p. 38)⁵. Não existia uma estrutura política no período pré-histórico dos Bálticos, tornando difícil o estudo da origem destas sociedades. Porém, de acordo com Lieven,

⁵ As primeiras pessoas a habitar a região báltica foram uma mistura de grupos étnicos que chegaram por volta de 600 A.C. e espalhou pelo oriente báltico o jeito de Moscou, até os dias de hoje.

The Baltic region's geographic location between Russia and Scandinavia helped establish it as part of major trading routes, allowing the Vikings to leave their mark on the ancient Balts, who developed a mildly militaristic society, warrior class, rights of inheritance of property, and the establishment of a noble class (1993, p. 40)⁶.

No caso da Estônia, o cristianismo chegou à região em uma série de invasões, principalmente por teutônicos e escandinavos durante as Cruzadas do Norte. Após o término destas cruzadas, em 1227, a região báltica passou a ser governada por alemães e dinamarqueses. Em 1561, a Suécia assumiu o controle até 1721, quando perdeu o controle da região.

A Letônia, por sua vez, foi governada por grupos de origem finlandesa na Idade Média. Entre os séculos XII e XIII, cruzadas alemãs chegaram ao território, e muitas delas forneceram proteção contra os estonianos e lituanos. Em pouco tempo, a região letã estava convertida ao cristianismo trazido pelos alemães, que desenvolveram a nobreza na região báltica. *“While the Germans may have initially intended to bring Christianity, the Balts eventually developed the feeling that the “Baltic Germans had a mission to bring Western civilisation to the East” (LIEVEN, 1993, p.133)⁷.* Em 1561, tropas russas invadiram o território da Letônia encerrando o reinado teutônico, porém a presença germânica se manteve forte na região até a metade do século XIX. *“The Russian imperial policies towards full Russification of the Baltic States caused tremendous tension during the late nineteenth century, thereby fueling the fire of Baltic nationalism” (VERHEUL, 2016)⁸.*

O primeiro registro que se tem da Lituânia é de 1316, quando o Duque Gediminas fundou a cidade de Vilnius e convidou judeus para a primeira migração significativa daquele povo para a região (LIEVEN, 1993, p. 10). Essa expansão territorial fez com que um grande número de pessoas que não falavam lituano migrassem para a região entre o século XIII e XIV. Do processo de expansão

⁶ A localização geográfica da região báltica entre Rússia e Escandinávia ajudou, em parte, a estabelecer a maior rota comercial, permitindo aos Vikings deixar sua marca no antigo báltico, que desenvolveu uma sociedade moderadamente militarista, classe guerreira, direito de herança, e o estabelecimento da classe nobre.

⁷ Enquanto os alemães podem ter sido inicialmente destinados a trazer o cristianismo, os bálticos acabaram desenvolvendo a sensação de que “os alemães bálticos tinham a missão de levar a civilização ocidental para o oriente.

⁸ As políticas imperiais russas rumo à plena russificação dos Estados Bálticos causou uma tremenda tensão durante o final do século XIX, alimentando assim o fogo do nacionalismo Báltico.

formou-se uma comunidade polonês-lituana em 1569 (SHNEYDER, 2016), que reconhecia polonês, latim, alemão, armeno, ruthene e hebreu como idiomas oficiais (LIEVEN, 1993, p. 48). Este fato fez com que a Lituânia tivesse a maior população judaica dos Estados Bálticos até 1941.

No final do século XIX, três impérios absolutistas integravam múltiplas nacionalidades na Europa – o otomano, o austro-húngaro e o russo. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, dois destes impérios foram territorialmente desmembrados devido a movimentos nacionalistas que buscavam uma democracia. Portanto, apenas o russo sobreviveu ao período da primeira guerra entre 1914 e 1918, porém passava por um processo de revolução interna que resultaria em uma nova entidade política: a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

A unificação do Estado alemão trouxe grandes mudanças, tanto políticas quanto geográficas para os Países Bálticos na metade do século XIX. A partir disso, o destino da Estônia, Letônia e Lituânia estaria sujeito às políticas seguidas pela Alemanha e Rússia. Em relação à Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918, os bálticos a entendiam como um conflito entre os impérios russos e alemães. Devido a história de dominação germânica sobre os territórios da Estônia e da Letônia, estes países penderam para o lado dos russos no conflito. Naquele período, os movimentos nacionalistas não consideravam a independência uma alternativa. Porém, a Lituânia não encontrou apoio em Moscou após sua manifestação de suporte à Rússia, passando então a considerar outras opções, dentre as quais a independência. Neste sentido, com o final da guerra, em 1918, a independência dos bálticos foi formalmente reconhecida.

Naquele mesmo período teve início nos bálticos as guerras de independência contra os exércitos russos, que duraram até 1920. Paralelo a isso, houve a criação de novos Estados na região da península balcânica e na área que vai da Rússia à Alemanha, contribuindo para o renascimento da Polônia. Foi também em 1920 que os bálticos assinaram acordos de paz separadamente com a Rússia. Hope define esta fase nas seguintes palavras,

Some twenty years – between 1920 and 1940 – which mark the lifespan of Estonia, Latvia and Lithuania as independent republics are not long for a fair assessment. There is a touch of the unreal in the egalitarian colour of democracy which appeared overnight after centuries of feudal servitude, and in constitutional provisions of a very generous kind for national minorities and religious denominations (1994, p. 41)⁹.

A Estônia foi o primeiro Estado báltico a assinar, em fevereiro de 1920, um tratado de paz no qual a Rússia soviética reconhecia a independência estoniana e renunciava qualquer reivindicação territorial. Além disso, o acordo não autorizava bases militares, tampouco a presença de organizações políticas estrangeiras. Em agosto do mesmo ano foi a vez da Letônia assinar um acordo de paz com a Rússia, em termos muito similares com o acordo da Estônia. Porém, a Letônia incorporou a região da Latgália que estava fora de seu controle desde 1629. Em julho de 1920 foi a Lituânia quem assinou o tratado de paz com a Rússia, também usando o caso da Estônia como base. Neste caso, a Rússia reconheceu a reivindicação da Lituânia sobre Vilnius – cidade que estava sob controle da Polônia. Em setembro de 1921, os bálticos se juntaram à Liga das Nações.

Havia então três novas constituições democráticas na região báltica, que adotavam um regime parlamentarista unicameral. Estas novas Repúblicas procuravam representar uma ruptura com o passado feudal, portanto “eram no plano das instituições políticas, a imagem refletida das mudanças na organização da vida econômica e social que a reforma agrária representava (AMARAL, 2011, p. 45). É importante lembrar que após dois processos de reforma agrária, sendo o primeiro entre 1816 e 1819 e o segundo em 1861, a Estônia e a Letônia passaram a deter partes progressivamente mais elevadas de um total de terras agricultáveis na região.

Uma das contribuições dos países bálticos para a construção dos valores da Europa no século XX foi o pioneirismo na formulação e adoção de políticas de autonomia cultural das minorias no período entre guerras (SMITH, 2005, p. 211). Em 1920, 27,4% da população da Letônia era constituída por minorias étnicas, representadas por russos, judeus, bielorrussos, germano-báltico, poloneses, lituanos e outros. Na Lituânia, esse percentual chegava a 19,4%, e na Estônia a 12,3%,

⁹ Cerca de 20 anos – entre 1920 e 1940 – que marcam a vida útil da Estônia, Letônia e Lituânia como repúblicas independentes não são muito tempo para uma avaliação. Há um toque do irreal na cor igualitária da democracia que apareceu durante a noite depois de séculos de servidão feudal, e em disposições constitucionais de um tipo muito generoso para as minorias nacionais e denominações religiosas.

representados por russos, germano-bálticos, suecos, judeus e outros (HOPE, 1994, p. 52).

O período da primeira independência dos bálticos foi marcado por avanços significativos dos indicadores sociais e econômicos. Na Estônia, a taxa de analfabetismo, que era de 10% em 1897, caiu para praticamente zero em 1930 após uma política de ensino obrigatório introduzida em 1920. A Letônia seguiu o mesmo modelo, fazendo com que o índice de analfabetismo caísse de 22% em 1920 para 10% em 1939. A Lituânia também registrou uma diferença significativa, porém, com patamares diferentes, uma vez que em 1923 foi registrado 32,6% de analfabetismo, e em 1931 entrou em vigor um novo regime de educação fazendo com que essa taxa diminuísse para praticamente zero (HOPE, 1994, p. 59).

Em relação à economia, registrou-se um avanço no setor da agricultura, em que os países bálticos passaram a exportar carnes, ovos e laticínios para o mercado europeu ocidental, principalmente para Alemanha e Reino Unido. A indústria se desenvolveu fortemente naquele período, principalmente na Estônia, nos setores de tecido e de papel e na exploração de petróleo. Na Letônia, a indústria metalúrgica e de madeira foram as que mais se desenvolveram.

Em relação à política externa, a Estônia apresentou a proposta para uma Liga Báltica durante a Conferência de Paz de Paris, em 1919. Essa aliança seria sustentada com base em três pilares: uma união política e econômica dos países escandinavos (Dinamarca, Noruega e Suécia); uma área báltica oriental (Estônia, Finlândia e Letônia); e uma área báltica meridional (Lituânia e Polônia). O objetivo da aliança seria assegurar a liberdade de navegação no Mar Báltico (MOTULAITE; VARES, apud AMARAL, 2011). Essa proposta seria um mecanismo de segurança em relação à Rússia. Mesmo que cada um daqueles países tivesse firmado um acordo de paz com Moscou, a possibilidade de um bloco de defesa trazia uma ideia de mecanismo complementar de segurança. Porém, com a ocupação da Polônia a Vilnius em 1920, excluíram-se as possibilidades de acordo entre os cinco países. Desta forma, a Liga Báltica reduziu-se a uma aliança firmada em novembro de 1923 entre a Estônia e a Letônia, que era na verdade um pacto de defesa mútua contra as grandes potências. A Lituânia estava excluída deste pacto pela situação de vulnerabilidade que se encontrava por questões fronteiriças com a Alemanha e a

Polônia, uma vez que perdera a cidade de Vilnius para os poloneses e em contrapartida, tomou a cidade de Klaipeda¹⁰. Neste sentido, para a Lituânia, a URSS era vista quase como um possível aliado, diferente das outras duas Repúblicas bálticas, que viam a URSS como tradicional inimiga.

Em 1934, após questões como Vilnius e Klaipeda serem excluídas de qualquer negociação, a Lituânia passou a fazer parte da Entente Báltica, que havia mudado seus objetivos para promover a coordenação da política externa dos três Estados. O bloco foi reconhecido internacionalmente em 1936, porém a partir de 1938 os bálticos pautaram-se individualmente por políticas externas de neutralidade uma vez que os líderes de cada país seguiam prioridades individuais. Desta forma, a entente não foi capaz de produzir compromissos de integração que tornassem possível uma política de neutralidade. Assim, nem uma aliança báltica, nem um esquema de segurança coletiva, tampouco uma política de neutralidade mostrou-se efetivo e capaz de assegurar a independência dos países bálticos.

2.3 Os Bálticos na Segunda Guerra Mundial e na Guerra Fria: Ocupação e Declínio da URSS

Em 23 de agosto de 1939, foi assinado um pacto de não agressão entre o ministro de relações exteriores soviético, Vyacheslav Motolov, e o ministro de relações exteriores da Alemanha Nazista, Joachim Von Ribbentrop, ficando conhecido como o Pacto Motolov-Ribbentrop. Como o Terceiro Reich já havia começado a anexar significantes partes da Europa oriental, visando preencher uma política de *Lebensraum*¹¹, e a URSS estava enfrentando problemas internos, e queria evitar qualquer tipo de conflito com a Alemanha, uma vez que isso implicaria no andamento da reforma dos programas internos, “*after negotiations with France and England over a Triple Alliance began to fall apart, Russian foreign officials*

¹⁰ A Lituânia, tendo sido objeto da agressão polonesa em Vilnius em outubro de 1920, tentou compensar a perda de sua capital com a conquista do acesso ao Mar Báltico em Klaipeda, assumindo o papel de invasora em janeiro de 1923 (AMARAL, 2011).

¹¹ Área com economia autarquicamente organizada, que possuísse tudo que é necessário para se desenvolver um espaço vital para diferentes povos sobreviverem, porém na visão de Hitler, apenas a raça ariana poderia habitar este local (LOSANO, 2008).

opened the door to a treaty with Germany” (ROBERTS, 1992, p. 67)¹².

O pacto garantia que nenhum dos países atacaria um ao outro e assegurava que não houvessem alianças entre uma das partes e inimigos da outra. Porém, o pacto incluía também um protocolo secreto que dividia os territórios da Romênia, Polônia, Lituânia, Letônia, Estônia e Finlândia em esferas de influência alemãs e soviéticas.

Em setembro de 1939, a Alemanha invadiu a Polônia, seguida pelos soviéticos, que invadiram o mesmo país apenas alguns dias depois. A URSS anexou neste período as regiões de Karelia e Salla, na Finlândia. Em seguida, anexou os países bálticos, Estônia, Letônia e Lituânia, e ainda partes da Romênia. Apesar de a existência do protocolo secreto ter sido negada pelo líder soviético, em 1989 ele foi descoberto e denunciado por historiadores. Nas palavras de Foley,

*Stalin viewed the treaty as an unprecedented opportunity to expand into these distant borderlands and to establish a bulwark against Germany. While Germany and Russia had just agreed upon a treaty, Stalin was rightfully skeptical of Hitler’s expansionist tendencies (2016)*¹³.

Ainda, “Stalin personally had a greater share than Hitler in bringing to conclusion the pact of August 1939 had benefited from it more than his Nazi counterpart, and had therefore tried to preserve it until their very last moment” (MASTNY, 1972, p.1367).¹⁴ Os anos de não-agressão entre Alemanha e a União Soviética deram a Stalin a oportunidade de aumentar a influência em partes da Polônia e nos Estados bálticos, “*while these states provided a buffer against Germany, it also seems likely that Russia had imperialist ambitions to expand into these territories regardless of the war*” (FOLEY, 2016)¹⁵.

¹² Após as negociações com a França e a Inglaterra da Tríplice Aliança começarem a desmoronar, oficiais exteriores russos abriram a porta para um tratado com a Alemanha.

¹³ Stalin viu o tratado como uma oportunidade sem precedentes para se expandir para essas fronteiras e estabelecer um reduto contra a Alemanha. Enquanto a Alemanha e a Rússia haviam acabado de concordar com um tratado, Stalin era legitimamente cético em relação a tendências expansionistas de Hitler.

¹⁴ Stalin pessoalmente tinha uma quota superior ao Hitler em trazer conclusões do pacto de Agosto de 1939 tinha beneficiado isso mais do que o seu homólogo nazista, e portanto tentou preservá-lo até seu último momento.

¹⁵ Enquanto esses países providenciavam um entreposto contra a Alemanha, também parecia provável que a Rússia tinha ambições imperialistas de expansão para estes territórios independente da guerra.

Nesse contexto, as relações diplomáticas entre os Estados Unidos da América e os Estados bálticos começaram no fim da Primeira Guerra Mundial, em 1922, quando estes declaram-se independentes da União Soviética. Em 1940, quando a URSS retomou controle sobre os territórios, os EUA condenaram a ação soviética.

Em setembro de 1939, a URSS dispôs de 160 mil homens armados na fronteira com a Estônia explorando um incidente em que um submarino polonês tentava escapar para o Reino Unido a partir da Baía de Talin. Assim, a URSS conseguiu o assentimento da Estônia para a assinatura de um acordo estabelecendo bases e estacionamento de tropas soviéticas naquele território. Em menos de um mês, foram estabelecidas alianças similares com a Letônia e Lituânia.

Em julho de 1940, os três países Bálticos já haviam sido ocupados por tropas soviéticas que argumentavam que a Entente Báltica havia sido convertida em alianças antissoviética, e havia a necessidade de novos regimes para substituir os “fascistas instalados no poder” (AMARAL, 2011). Desta forma, os líderes dos países Bálticos foram obrigados pelos soviéticos a formar novos gabinetes com líderes aprovados por Moscou. O então presidente da Lituânia, Antanas Smetona, tentou reagir, porém seus ministros já haviam aderido ao lado soviético, e Smetona se viu então isolado. Os presidentes da Estônia e Letônia, Konstantin Päts e Kārlis Ulmanis, aceitaram as condições impostas pelos soviéticos, porém foram forçados a renunciar aos seus cargos e deportados, Päts foi para os Urais e Ulmanis para o Cáucaso.

Os governos provisórios apoiados pelos soviéticos, organizaram então um simulacro de eleições em que chapas únicas concorreram para as Ligas de Trabalhadores, que constituíram o poder executivo. As eleições realizadas em julho incluíam regras como, por exemplo, o período de apresentação das candidaturas seria menor do que dez dias, os candidatos que apresentassem programas incompatíveis com a nova ordem seriam impugnados e que apenas seriam aceitas candidaturas aprovadas pelos comunistas. O resultado das eleições foi plenamente satisfatório à Moscou: na Lituânia, 99,2% dos eleitores aprovaram os candidatos apresentados para a Liga, na Letônia foram 97,6%, e na Estônia 92,2%.

Após as eleições, a partir de “reivindicações populares”, pediu-se que se anexassem as três repúblicas bálticas à URSS, e em 21 de julho as Assembleias Populares reuniram-se e proclamaram o socialismo soviético como forma de governo além de pedir formalmente o ingresso à União Soviética. Ambos os processos foram incentivados pela presença de tanques soviéticos do lado de fora da Assembleias, e quase que imediatamente o pedido de ingresso dos Bálticos a URSS foi aprovada. De acordo com Vardys e Misiunas (1978, p. 13), os soviéticos conduziram nos países bálticos, no verão de 1940, um curso intensivo de seis semanas, sobre instalação de democracias populares.

No primeiro ano de ocupação soviética nos bálticos, foi adotada uma forte política de alinhamento à URSS que englobava os campos econômico, político, cultural e social dos países. Além disso, houveram inúmeros casos de deportações para a Rússia e Sibéria, e todos os remanescentes germânicos em território báltico foram repatriados. Paralelo a isso, somaram-se inúmeros casos de desaparecimentos e execuções de dissidentes políticos, resultando em uma perda de 60 mil pessoas na Estônia, 35 mil na Letônia e 34 mil na Lituânia.

Em junho de 1941, tropas nazistas chegaram aos países bálticos no âmbito da Operação Barbarossa. Apenas alguns anos depois do ataque, foi comprovado que os objetivos dos planos nazistas incluíam anexar os bálticos ao Reich, território que seria então colonizado por populações germânicas (AMARAL, 2011, p. 66). Durante os anos de ocupação, a administração alemã trabalhou a partir de três objetivos nos bálticos: a exploração econômica da península, a mobilização de recursos humanos para trabalhos civis ou para guerra, e a execução da política nazista com relação aos judeus.

Estima-se, de acordo com o memorando enviado a Himmler por Rosenberg em 1944, que 126 mil trabalhadores dos países bálticos foram enviados à Alemanha desde o começo da ocupação (TAAGEPERA; MISIUNAS, 1993, p. 56). Diante desta situação, os trabalhadores viam-se diante de duas opções: submeter-se a tratamentos desumanos em campos de prisioneiros de guerra, ou integrar alguma modalidade de serviço militar ou paramilitar. Neste contexto, a segunda opção parecia mais aceitável e os soldados bálticos que pertenciam aos antigos exércitos nacionais acabaram optando por este serviço apesar das restrições impostas pelas

normas jurídicas internacionais, sendo enviados a missões geralmente de apoio logístico aos soldados alemães. Estima-se que dos 70 mil cidadãos bálticos que prestaram serviços às tropas nazistas, 10 mil acabaram mortos.

Os nazistas tampouco perderam tempo em dedicar-se a tarefa de exterminação da população judaica que ocupava os países bálticos. Na Estônia, estima-se que haviam 5 mil judeus, 93 mil na Letônia e 200 mil na Lituânia. O resultado da ocupação nazista foi 250 mil judeus exterminados ou deportados para campos de concentração, principalmente alemães (TAAGEPEGA; MISIUNAS, 1993, p. 61).

A segunda ocupação soviética na península durou de 1944 a 1990, quando a URSS se deu por vencida. Este período foi considerado como uma extensão da Segunda Guerra Mundial. Para os bálticos, este período marcou o declínio da sua identidade nacional, uma vez que Estônia, Letônia e Lituânia perderam os avanços sociais e econômicos que conquistaram entre 1920 e 1940, além de sua independência. E por estarem inseridos em um contexto de “sovietização” da vida econômica, social e cultural, não puderam contar com aparato estatal próprio, e muito menos com interlocução externa direta.

No momento em que os soviéticos assumiram o controle da península, instalou-se novamente naquele território combates entre alemães e russos, e foi apenas em 1945 que os soviéticos obtiveram pleno comando da região báltica, que havia sido reconvertido em repúblicas socialistas soviéticas. Este novo período de dominação soviética iniciou com deportações em massa objetivando minar a resistência nacionalista e promover a sovietização.

Durante este período, dois eventos merecem destaque. O primeiro foi a mudança das fronteiras, em que a Estônia e a Letônia tiveram perdas territoriais para a URSS. A Estônia cedeu 5% de seu território, que incluía a maior parte do distrito de Petseri, e a Letônia, cuja perda incluiu uma parte do distrito de Abrene, teve apenas 2% do território cedido para os soviéticos. A Lituânia, por outro lado, registrou uma expansão em seu território, uma vez que recuperou a região de Klaipeda, que havia sido tomada a força pela Alemanha em 1939, e sua capital, Vilnius, que foi retomada também pelos soviéticos. O segundo evento relevante foi o

desenvolvimento de movimentos de guerrilheiros que eram contra a ocupação soviética nos bálticos, que foram formados ainda na primeira ocupação por parte da URSS, porém ganharam força durante a ocupação nazista e tornaram-se definitivos com o retorno das tropas soviéticas. Os membros da guerrilha eram conhecidos como “Irmãos da Floresta”, *“these groups consisted of soldiers, who served in German forces [and those who] collaborated with Germans during their earlier occupation in fear of Soviet retribution, as well as of “patriotic Balts in general”* (LIEVEN, 1993, p. 88)¹⁶ e tiveram inspiração na Carta do Atlântico, em especial no princípio que diz respeito à “restauração dos direitos de soberania e de autogoverno aos países que deles foram privados a força” (AMARAL, 2011, p. 76).

No início, os “Irmãos da Floresta” eram formados por menos de 1% da população báltica, porém em 1945, esse número cresceu tanto que chegou a ser formado por 30 mil combatentes na Lituânia, entre 10 e 15 mil na Letônia e 10 mil na Estônia. A maior parte das ações desenvolvidas pelos guerrilheiros tinha por objetivo romper estruturas administrativas impostas pelos soviéticos. Estima-se que entre 1945 e 1952 foram mortos entre quatro e treze mil colaboradores. Em 1949, a guerrilha estava controlada na Letônia, porém na Estônia há registros de ações até 1953, e na Lituânia até 1950, sendo que o último importante líder lituano foi executado em 1956.

A “sovietização” da vida econômica nos bálticos foi provavelmente o fator que mais afetou a vida da comunidade que lá habitava, além da imigração de grandes contingentes de trabalhadores de outras partes da URSS. A industrialização dos países bálticos deu-se entre as décadas de 1950 e 1960, estendendo-se até o início dos anos 1980. Nesse sentido, coube à Letônia, Estônia e Lituânia a produção em larga escala de bens industriais, sendo os produtores de mais da metade de produtos como locomotivas e vagões ferroviários, aparelhos e centrais telefônicas, equipamentos elétricos de solda, computação, motores, e máquinas da produção soviética. Além disso, a Estônia destacou-se na produção de petróleo, a Lituânia no refino do mesmo e na produção de energia elétrica de fonte nuclear. As propriedades rurais foram coletivizadas, mas desempenharam o mesmo papel do

¹⁶ Estes grupos consistiam de soldados que serviram nas forças alemãs [e aqueles que] colaboraram com os alemães durante sua breve ocupação em medo as represálias soviéticas, assim como de “Bálticos patrióticos em geral”.

período de independência entre 1920 e 1940, de produtor de laticínios, carne e ovos, que foram então destinados ao mercado soviético.

Nos anos de domínio soviéticos sobre os países bálticos, a renda per capita da Estônia, Letônia e Lituânia elevou-se consideravelmente acima das demais repúblicas. Em 1968 por exemplo, a renda por habitante naqueles países ultrapassou a média da URSS, sendo na Estônia 44%, na Letônia 42% e na Lituânia 15% e em 1998 os bálticos eram as repúblicas soviéticas mais prósperas em termos de renda per capita.

A “questão báltica” tornou-se tema da agenda internacional durante a Guerra Fria a partir do momento em que a Estônia, Letônia e Lituânia foram ocupados pela URSS em junho de 1940 e também quando Sumner Welles, o então Secretário de Estado Interino dos EUA, recusou-se a reconhecer a reivindicação soviética sobre os países bálticos, estabelecendo a política de não reconhecimento da ocupação, que durou até a independência. Do ponto de vista norte americano, ao final da Primeira Guerra Mundial, quando os bálticos readquiriram sua independência, estes Estados apenas estavam separados da URSS em termos geopolíticos. Foi então instalado em Riga a base de serviços de inteligência dos EUA sobre a URSS antes da abertura da Embaixada de Moscou. Nas palavras de Sumner Wells, então Secretário de Estado norte americano,

During these past few days the devious processes where under the political independence and territorial integrity of the three small Baltic republics Estonia, Latvia and Lithuania were to be deliberately annihilated by one of their more powerful neighbors, have been rapidly drawing to their conclusion. From the day when the peoples of these republics first gained their independence and democratic form of government, the people of the United States have watched their admirable progress in self-government with deep and sympathetic interest. The policy of this Government is universally known. The people of the United States are opposed to predatory activities no matter whether they are carried on by uses of force or by threats of force. They are likewise opposed to any form of intervention on the part of one state, however powerful, in the domestic concerns of any other sovereign state, however weak. These principles constitute the very foundations upon which the existing relations between the 21 sovereign republics of the New World rests. The United States, will continue to stand by these principles, because of the conviction of the American people that unless the doctrine in which these principles are inherent once again governs the relations between nations, the rule of reason, of justice and of law—in other words, the basis of modern civilization itself cannot be preserved (GERUTIS, 1969, p. 180)¹⁷.

¹⁷ Durante estes últimos dias os processos tortuosos onde, sob a independência política e integridade territorial das três pequenas repúblicas bálticas da Estônia, Letônia e Lituânia estavam a ser

Para os EUA, a anexação dos bálticos à URSS foi uma situação jurídica nova, uma vez que não houve uma supressão voluntária da personalidade jurídica internacional dos Estados que foram ocupados. Em julho de 1940, a partir da declaração feita por Welles, os EUA estabeleceram a política de não reconhecimento, na qual o governo norte americano citou os motivos pelos quais se opunham à ocupação soviética. Porém, os EUA nunca chegaram a reconhecer os governos bálticos no exílio e muito menos se comprometeram com ações específicas para executar o princípio de não reconhecimento. Essa atitude frustrou a liderança dos Estados bálticos que esperavam por maior envolvimento dos EUA em suas causas, deixando assim uma brecha para uma aproximação soviética.

Em 23 de agosto de 1989, quando o Pacto Motolov-Ribentrop cumpriu 50 anos de sua assinatura, a população báltica, através de uma ação pacífica, tentou chamar a atenção da comunidade internacional para a ilegalidade da ocupação soviética, buscando apoio para a independência. Neste dia, entre um milhão e meio e dois milhões de cidadãos bálticos formaram, de mãos dadas uma corrente humana interrompida que ligava as três capitais bálticas de uma ponta a outra com uma extensão de 600 km. Este evento conhecido como *Baltic Way* caracterizou a luta dos países bálticos pela independência, e não apenas como reivindicação, mas como causa de justiça.

Entre 1988 e 1989, os bálticos intensificaram a pressão sobre o Congresso dos Deputados do Povo, em Moscou com o objetivo de que fosse admitido a existência de protocolos secretos do Pacto Motolov-Ribbentrop. Apenas em julho de 1989 a comissão deu seu veredicto, e descobriu-se que, de fato o pacto continha anexos que dispunham os países bálticos dentro da zona de influência soviética, e ainda, a comissão estabeleceu que o Pacto feria princípios universalmente

deliberadamente aniquilados por um de seus vizinhos mais poderosos, foram rapidamente chegando à sua conclusão. Desde o dia em que os povos destas repúblicas primeiro ganhou a sua independência e forma democrática de governo, o povo dos Estados Unidos da América assistiu seu progresso admirável de autogoverno, com profundo interesse e simpatia. A política deste Governo é universalmente conhecida. O povo dos Estados Unidos opõe-se a atividades predatórias não importa e eles são transportados pelo uso da força ou ameaça de força. Eles também são contrários a qualquer forma de intervenção por parte de um Estado, por mais poderoso, nas preocupações nacionais de qualquer outro Estado soberano, no entanto fracos. Esses princípios constituem os alicerces sobre os quais as relações existentes entre as 21 repúblicas soberanas do Novo Mundo repousa. Os Estados Unidos, continuarão suportando estes princípios, por causa da convicção do povo americano que a menos que a doutrina m que estes princípios são inerentes, mais uma vez rege as relações entre as nações, o domínio da razão, da justiça e do direito, em outras palavras, a base da própria civilização moderna não pode ser preservada.

reconhecidos do Direito Internacional e, portanto, o considerou inválido desde sua conclusão. Gorbachev se recusou a aceitar o fato de que os bálticos tivessem sido anexados à URSS. A partir de então foi uma questão de tempo até a independência dos Estados bálticos.

Para Anatol Lieven (1993, p. 219), o movimento de independência báltica foi gerado de forma praticamente autônoma, além de ter estimulado movimentos no resto da URSS. As Repúblicas bálticas foram as últimas a ingressar na URSS e as primeiras a querer desmembrar-se.

O processo de independência dos países bálticos foi dividido em etapas, e cada uma das três nações o liderou em um determinado momento. Em 1986, durante a primeira etapa e com a criação do grupo “Helsinque 86”¹⁸, a Letônia criou o primeiro grupo antissoviético nos bálticos. A partir de 1987, reivindicações vieram da Estônia, quando foi proposto um plano de autonomia econômica do país dentro da URSS. As principais manifestações daquele ano ocorreram em território estoniano. A partir de 1989, na etapa final da independência, frentes populares em cada um dos países clamava por reformas e autonomia dentro do sistema soviético para a independência da URSS. Em 1990, as eleições para os soviets supremos dos três países bálticos elegeram os nomes indicados pelas frentes populares pró-independência. Na Lituânia, em 1989, a maior parte dos membros do partido comunista rompeu com Moscou e posicionou-se a favor da independência.

Em 11 de março de 1990 foi declarada a independência da Lituânia. Estônia e Letônia anunciaram em 30 de março e 8 de maio, respectivamente, que estavam em etapa de transição para a independência. Nesta situação, Gorbachev ainda se esforçou para recompor o relacionamento com os bálticos, porém a situação soviética já estava fora de seu controle.

A Rússia reconheceu em agosto daquele ano a independência dos Estados bálticos, e a partir de então a comunidade internacional também o fez. Em menos de três meses as Repúblicas bálticas já foram admitidas como membros das Nações Unidas.

A partir do momento em que os Estados bálticos constituíram-se por

¹⁸ Organização anticomunismo fundada em 1986 na cidade de Liepāja, na Letônia (AMARAL, 2011).

Repúblicas a Letônia reutilizou, praticamente na íntegra a constituição de 1922, atualizando-a com sua terminologia dos dias atuais. Já a Estônia optou por uma nova constituição, mas o novo texto foi fortemente inspirado no anterior. A Lituânia por sua vez decidiu fugir um pouco do modelo báltico e optou pelo voto direto e um sistema em que o poder do parlamento é combinado com a figura do presidente eleito. Os outros dois Estados, por sua vez, adotaram regimes parlamentares unicamerais.

Após ter seu território invadido três vezes – primeiro pelos soviéticos em 1939, em seguida pela Alemanha nazista em 1941 e novamente pelos soviéticos em 1944, a região báltica resistiu fortemente até alcançar a independência dos Estados que a formam em 1990. A partir de então, as Repúblicas soviéticas apresentaram um alto índice de crescimento, que superou todas as demais regiões soviéticas, além de uma aproximação com o ocidente que levou posteriormente a adesão à União Europeia em 2004.

O interesse soviético pela região báltica pode ser explicado pelo conceito de modelos de segurança estabelecida por Buzan (1991), que afirma que a região báltica é um exemplo perfeito do estabelecimento de um complexo de segurança, uma vez que os países bálticos dividem valores liberais e democráticos, além do regime internacional de paz democrática seguido por eles. Neste contexto, tanto a Estônia, como Letônia e a Lituânia encaixam-se neste modelo, que é basicamente um dispositivo de segurança regional incluindo países com diferentes afiliações institucionais.

Percebe-se, no decorrer deste capítulo que as repúblicas bálticas nunca tiveram o intuito de pertencer ao regime soviético, fato que ocorreu devido à pressão soviética na região, que iniciou em um momento desfavorável para os bálticos, visto que a comunidade internacional estava voltada para as consequências que a 2ª Guerra Mundial havia deixado na Europa. Porém, desde o início da ocupação, os bálticos não deixaram para trás a sua essência, mesmo sendo pequenas, e relativamente frágeis, tanto a Estônia como a Letônia e a Lituânia fizeram tudo o que estava ao seu alcance para se desvincular do regime soviético estabelecido pela URSS, e aproximar-se da política estabelecida pelo ocidente europeu e EUA.

Além disso, o fato de os EUA não ter reconhecido o Pacto Molotov-Ribbentrop, ou a ocupação soviética da região báltica em 1939, contribuiu com a aproximação dos três países às políticas ditadas pelos norte-americanos. Porém, as Repúblicas bálticas esperavam um maior apoio por parte dos EUA durante o período da ocupação. Estas questões serão apresentadas no próximo capítulo, assim como a política externa dos Estados bálticos na década de 1990.

3 OS BÁLTICOS PÓS-INDEPENDÊNCIA E A APROXIMAÇÃO AO OCIDENTE

Este capítulo trata de apresentar como se deram os primeiros anos de independência da região báltica, apresentando tanto o cenário econômico como o político, além das relações com os EUA e com a Rússia. O capítulo está dividido em quatro seções, sendo a primeira responsável por apresentar as dificuldades da década de 90, principalmente na esfera econômica. A segunda trata da política externa das Repúblicas bálticas em seus primeiros anos de independência, a terceira da relação da região com a Rússia. Finalmente, e a quarta seção apresenta os primórdios para a adesão à UE.

3.1 A década de 1990

A partir do momento em que os bálticos conquistaram sua independência em 1991, passaram a construir uma política externa independente, aderindo à Organização das Nações Unidas (ONU), assim como a diversas organizações afiliadas. Porém, após a independência, a prioridade para as Repúblicas bálticas foi manter uma economia estável, além de rever a questão da nacionalidade, principalmente na Estônia e Letônia. A política externa, neste sentido, ficava em segundo plano (KNUDSEN, 1990, p. 64).

Desta forma, no primeiro período após a independência, os três Estados bálticos trabalhavam para recuperar as suas economias. Neste sentido, os primeiros

passos consistiram na liberalização dos preços, seguida da liberalização do comércio, baseada na ideia de que apenas uma livre formação de preços seria capaz de combater a inflação que os países bálticos enfrentavam naquele período: *“the Baltic states chose to distance themselves from the Russian influence and direct their policies westwards, largely following the liberal prescriptions of the Washington consensus to become open market economies”* (KASEKAMP, 2013)¹⁹. As políticas adotadas visavam assegurar a liberdade macroeconômica dos países, atraindo investimentos estrangeiros, e gerando um alinhamento aos países ocidentais.

Os primeiros anos de transição foram marcados por uma crescente taxa de inflação, além de um choque de preços em 1992, quando a Rússia aumentou drasticamente os preços da energia e das commodities para competir no mercado mundial, fator que também contribuiu para o aumento da inflação nos bálticos. Para Kjærgaard e Larsen,

The final collapse of the Soviet planned economy in 1990-91 caused considerable disruption to trading and finance, resulting in e.g. shortage of goods, loss of traditional export markets, lack of credit facilities and the collapse of payment structures (2001, p. 56)²⁰.

No final de 1992, os Estados bálticos lançaram programas para estabilizar a economia. Kjærgaard e Larsen ainda ressaltam que,

It was important to establish the credibility of the new currencies in order to e.g. drive out other currencies in circulation, curb the inflationary expectations and ensure a favourable competitive position which could stimulate trading integration with Western Europe (2001)²¹.

Porém, foi apenas na metade de 1993 que os resultados dessas políticas começaram a aparecer. A Lituânia então passou a atrelar a sua moeda, a Litas, ao dólar americano. Ainda assim, os avanços mais significantes para aquele período foram a privatização de pequenas empresas e a liberalização do comércio,

¹⁹ Os bálticos escolheram se distanciar da influência russa e direcionar suas políticas para o oeste, seguindo em grande parte as prescrições liberais do consenso de Washington para se tornar economias de mercado aberto.

²⁰ O colapso final da economia planificada soviética em 1990-91 causou uma considerável perturbação às negociações e finanças, resultando em por exemplo escassez de bens, perda de mercados tradicionais de exportação, falta de facilidades de crédito e o colapso das estruturas de pagamento.

²¹ Era importante para estabelecer a estabilidade das novas moedas em ordem de, por exemplo, expulsar outras moedas de circulação, refrear as expectativas inflacionárias e assegurar uma posição competitiva favorável que poderia estimular a integração comercial com a Europa Ocidental.

atribuídas às reformas da Perestroika²² executadas por Gorbachev. Após a superinflação registrada em 1992, esta taxa passou a cair rapidamente nos anos seguintes, conforme a Tabela 1.

Tabela 1 - Inflação nos bálticos 1989 - 2001

Inflação nos bálticos 1989 - 2001 (%)			
	Estônia	Letônia	Lituânia
1989	6,1	4,7	2,1
1990	23,1	10,5	8,4
1991	211,0	172,0	255,0
1992	1.076,0	951,0	1.021,0
1993	89,8	109,0	410,0
1994	47,7	35,9	72,1
1995	29,0	25,0	39,6
1996	23,1	17,6	24,6
1997	11,2	8,4	8,9
1998	8,2	4,7	5,1
1999	3,3	2,4	0,8
2000	4,0	2,8	1,0
2001	6,2	3,3	2,0

Fonte: EBRD Transition Report, 2000; EBRD Transition Report Update, April 2001.

Stæhr e Pank, professores da Universidade de Tallin, afirmam que,

All three countries managed to implement extensive reforms over a period of very few years, resulting in a fundamental restructuring of their economies. [...] As a result of the reforms, the Baltic States soon became integrated into the international economy and the major European institutions (2007, p. 79)²³.

Cada uma das três Repúblicas bálticas implantou reformas de acordo com suas capacidades, ambas aderindo a uma alta política de livre comércio. Nesse sentido, a Estônia foi responsável pelas políticas mais radicais, que aboliram qualquer barreira às importações naquele país. A política adotada pelos bálticos nos anos 1990 foi considerada pelos economistas como sendo uma política “dura”, com

²² Política adotada pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em 1986, para alavancar a economia naquele período, consistiu na abertura do mercado soviético, reduzindo subsídios, autorizando importações e eliminando as quotas de fabricação (COX, 1992).

²³ Todos os três países conseguiram implementar extensas reformas durante um período de poucos anos, resultando em uma reestruturação fundamental das suas economias. [...] como resultado das reformas, os Estados Bálticos logo se tornaram integrados na economia internacional e nas principais instituições europeias.

o objetivo de desenvolver aqueles países. Graças ao desempenho dos bálticos naquele período em relação às reformas institucionais, no que diz respeito à privatização e à liberalização do comércio, pode-se dizer que aqueles países tiveram um crescimento surpreendente. Devido a isso, os bálticos tiveram sua era de ouro nos anos 2000, quando a economia crescia de 8 a 9% ao ano, fazendo com que os níveis de riqueza nacional mais que dobrassem naquele período.

3.2 A política externa após a independência

Após o desmembramento da União Soviética, os bálticos se viram diante três opções no que se refere à sua orientação geopolítica: a reintegração com o leste, a integração com o oeste ou a neutralidade. Naquele período, a integração com o oeste era o cenário que parecia menos provável, e o mais utópico, mas também servia como uma “ponte” entre o leste e o oeste. Porém, a reintegração com o oeste trazia um sentimento de retorno à Europa, além de que a Estônia, Letônia e Lituânia estavam determinadas a se afastar o máximo possível da Rússia e das políticas associadas a ela naquele momento (KASEKAMP, 2013).

A estratégia adotada pelos bálticos foi se juntar ao maior número de organizações internacionais possível, no menor tempo possível, para então garantir a sobrevivência de sua independência, ao se conectar à uma rede de atores internacionais. Esta ação foi considerada de urgência, uma vez que deveria ser executada enquanto a Rússia ainda estava lidando com as questões decorrentes do fim da URSS (ARNSWALD, 2011, p. 38). O marco mais significativo na restauração da soberania báltica e integração com o oeste foi a entrada no Conselho Europeu em 1993 e a retirada das tropas russas em 1993 e 1994 do território báltico.

Em 2004, os bálticos ingressaram tanto na União Europeia, quanto na OTAN, seguindo uma prioridade de política externa estabelecida pelos três países. Para aquelas Repúblicas, aderir à União Europeia representava o “retorno à Europa”. Do ponto de vista da política de defesa, aderir à OTAN, por sua vez, representava o “retorno ao ocidente”, uma vez que os bálticos ainda viam a Rússia como uma ameaça. Aderir à OTAN era ainda mais atrativo para as Repúblicas bálticas do que aderir à União Europeia, uma vez que *“Security was understandably their priority*

since their entire recent history had been marked by an absence of security” (KASEKAMP, 2013)²⁴. Nas palavras de Vygaudas Usackas, ex Chanceler Lituano, sobre a política externa da Lituânia, “we have never had a dilemma of prioritising either the EU or NATO. It has always been Lithuanian policy to join both EU and NATO. Lithuania remains being active in both EU and NATO” (AMARAL, 2011, p. 122)²⁵.

Harry Tiido, subsecretário de Assuntos Políticos da Estônia, concorda com a afirmação. Para ele, as duas organizações complementam-se e reforçam-se mutuamente, e seria simplista assumir a ascensão da Estônia à UE apenas em relação às questões econômicas, assim como na admissão à OTAN apenas as motivações de segurança e defesa, uma vez que ser membro da OTAN abrange também a dimensão econômica, no sentido de oferecer segurança adicional aos investidores do mercado estoniano, assegurando que eles não desviem os fluxos de investimentos a outros mercados. Neste mesmo sentido, a entrada na UE não prescindiria de um componente de defesa, na medida em que Bruxelas vem ocupando um crescente espaço na formulação e execução de uma política externa de defesa comum (AMARAL, 2011, p. 123).

O processo de transição utilizado na Estônia se deu em cinco etapas, levando em consideração variáveis tanto internas como externas, e pode ser aplicada aos demais Estados bálticos: as revoluções de independência (1988-1991); reformas internas (1991-1994); estabilização econômica e início das negociações para adesão à OTAN e UE (1995-1998); negociação e preparação para a adesão à UE (1999 – 2004); crise de identidade e mudanças no cenário econômico (2005-2009), (LAURISTIN; VIHALEMM, 2010, p. 5). Porém, três destas etapas merecem uma maior atenção uma vez que tiveram uma maior importância neste processo.

A primeira etapa, que começou no início do processo de independência dos bálticos em 1989 até meados dos anos 1990, foi considerado o período que moldou a política externa dos países. Foi caracterizada por aspectos externos referentes à

²⁴ Segurança foi compreendida como sua prioridade, desde que por toda a sua história recente foram marcados por uma ausência de segurança.

²⁵ Nunca tivemos um dilema de priorizar tanto a UE ou a OTAN. Sempre foi política da Lituânia participar tanto da UE como da OTAN. Lituânia continua sendo ativa nos dois, UE e OTAN.

independência e ao reconhecimento internacional, uma vez que com a queda da URSS os EUA, assim como os demais países ocidentais, foram discretos em relação aos bálticos, priorizando as revoluções em países formalmente independentes, como a Polônia e a Tchecoslováquia. No marco do processo de independência dos bálticos ainda restavam assuntos relacionados às relações com a Rússia, como a retirada de tropas soviéticas de seus territórios, a negociação de acordos de fronteiras e o estatuto das minorias étnicas russas.

Foi neste período de intensa integração regional entre os Estados bálticos com relação às questões que diziam respeito à Moscou que se criaram foros de cooperação regional entre aqueles países, assim como em países escandinavos. Além disso, neste período os bálticos passaram a fazer parte da Organização para a Segurança e Cooperação Europeia (OSCE) e do Conselho da Europa. Uma vez que foram convidados pelos EUA e Reino Unido para participar como observadores da Cúpula de Paris em 1990, não levou muito tempo até que a Estônia, Letônia e Lituânia fossem aceitas como membros da organização em setembro de 1991. Com relação ao Conselho da Europa, os Estados bálticos tiveram que compatibilizar sua legislação de direitos humanos com os padrões previstos pelo conselho. Desta forma, a Estônia e a Lituânia foram aceitas em 1993, e a Letônia apenas em 1995, quando alterou as regras sobre direitos de cidadania aplicáveis à minoria russa. É importante ressaltar que após todos os anos de ocupação soviética na região, apenas dois ministérios tiveram de ser criados nos três países – o de Assuntos Estrangeiros e o de Defesa.

A segunda etapa iniciou nos anos 1990 e foi até à “dupla adesão” em 2004. Este período foi marcado por esforços em termos de política externa para a adesão de dois processos, em particular o de adesão à UE. Esta fase também se caracterizou pelas questões que haviam sido deixadas de lado no processo anterior, como é o caso das fronteiras da Estônia e Letônia com a Rússia. Esta etapa também foi marcada por mudanças na ordem internacional, das quais duas se destacam para as relações internacionais dos bálticos: a primeira foi a ascensão de Vladimir Putin ao poder da Rússia, assim como a assertividade internacional daquele mesmo país, principalmente em relação a sua vizinhança. A segunda foi a necessidade sentida pelos bálticos de participar de missões internacionais no Afeganistão e no Iraque junto com a OTAN e comandadas pelos EUA.

O terceiro período inicia-se após a “dupla adesão” dos bálticos à OTAN e à UE e dura até hoje. Pertencer às duas Organizações significou mudanças nos processos decisórios sobre política externa nos bálticos. As chancelarias passaram a se dedicar à defesa dos interesses nacionais no âmbito das Organizações, em particular na UE. Desta forma, defender interesses em Bruxelas, como por exemplo a cooperação de energia com Moscou ou a participação nas missões do Iraque e do Afeganistão, nem sempre passará por uma frente única entre os bálticos. Ao contrário, abre-se a uma margem de perfis distintos, e até mesmo competidores entre eles (AMARAL, 2011, p. 127). Por outro lado, a adesão à União Europeia significou também o interesse de Bruxelas em alguns temas da agenda externa, como a cooperação regional no Mar Báltico.

É neste período de “dupla adesão” que os bálticos passam a procurar por diferenciação nos perfis de atuação externa, uma vez que até 2004, além de estarem associados à políticas semelhantes de atuação internacional, estavam também associados à mesma “identidade báltica” de imagem, não exatamente positiva, uma vez que os ligava a um passado soviético. Para mudar esta imagem, a Estônia passou a aproximar-se da Finlândia em termos de política externa, eliminando praticamente a vertente báltica de sua imagem e presença internacional. A Lituânia também tentou deixar para trás a identidade báltica, porém tentando se aproximar da Europa Central. Ainda, a Lituânia formou uma parceria estratégica com a Polônia, que teve seu ápice entre 2006 e 2007 sob o comando do Primeiro Ministro Polonês Jaroslaw Kaczynski, porém começou a declinar logo após devido a questões dos direitos culturais das minorias polonesas na Lituânia. Já a Letônia, diferente dos demais bálticos, procurou manter sua identidade regional, porém buscou vínculos com a Suécia e a Dinamarca, além de manter vínculos mais estreitos com a Rússia.

A qualidade e ampliação das redes de relações bilaterais torna-se uma nova preocupação nas chancelarias bálticas na medida em que transformações na política externa dos bálticos vão sendo feitas. Neste sentido, uma das prioridades da agenda da Letônia por exemplo, é fortalecer relações bilaterais com países-chave, resultando em novas missões.

3.3 Os Bálticos e a Rússia

As relações com a Rússia desempenham um elemento principal da política externa dos bálticos. Desde as independências, em 1991, a evolução destas relações distingue-se por um padrão de alta volatilidade. Porém, a partir do momento da “dupla adesão” dos bálticos à UE e à OTAN, em 2004, as relações com a Rússia ficaram ainda mais frias com a aproximação da Estônia, Letônia e Lituânia do ocidente. Neste sentido, o ingresso dos bálticos nas duas Organizações encerrava para eles a promessa de recuperação das relações bilaterais com a Rússia, uma vez que aqueles países esperavam que a Rússia os visse como Estados independentes em um quadro de estabilidade, e não como países pertencentes à zona de interesses russos em um padrão de subordinação assimétrica.

Já do ponto de vista russo, a perspectiva seria análoga. Com as garantias das duas Organizações das quais os bálticos faziam parte, as autoridades russas esperavam um comportamento mais sóbrio da parte dos Estados bálticos. Porém, o que aconteceu foi o contrário, tanto a Estônia quanto a Letônia e a Lituânia passaram a influenciar, juntamente com outros países admitidos na UE no marco da ampliação de 2004, um conjunto de política externa de Bruxelas na direção de uma política de boa vizinhança, política considerada hostil do ponto de vista russo. Além disso, a partir de uma pesquisa de opinião feita na Rússia em 2005 sobre quais países eram percebidos como “inimigos” russos, os que tiveram um maior número de menções foram: Letônia, Lituânia, Geórgia e Estônia (BUHBE; KEMPE, 2005, p. 5).

Quanto às relações da Rússia com a Letônia, em março de 2007 os dois países firmaram o instrumento jurídico internacional que dizia respeito ao tratado fronteiriço entre os dois territórios. Tal tratado havia sido redigido dez anos antes, porém não havia sido assinado em função da inclusão da cláusula de fundo histórico, reivindicada pela Estônia, sobre a ilegitimidade da ocupação soviética. Desta forma, a Letônia passou a ter fronteiras internacionalmente reconhecidas pela Rússia, podendo então ser incluída no sistema de livre circulação de pessoas da UE, Schengen, que só é dado na inexistência de disputas jurídicas sobre as fronteiras.

As relações da Rússia com a Estônia foram marcadas por um evento em 2007, quando autoridades estonianas decidiram remover o Soldado de Bronze, monumento sob o qual jazem restos mortais de soldados soviéticos mortos durante o combate contra as forças nazistas, da Praça Tonismaagi, no centro de Tallin para o cemitério militar, mais afastado. O memorial foi inaugurado pelos estonianos em 1947, mas perdeu importância após 1991, com os movimentos de independência, momento em que a Estônia estava rebatizando cidades e ruas, devolvendo-lhes nomes anteriores na maior parte dos casos. O movimento, iniciado por habitantes de origem russa, deu-se quando eles depositaram em massa cravos brancos no antigo lugar onde estava instalada a estátua. Este evento rapidamente ultrapassou os limites fronteiriços chegando à Moscou, onde causou constrangimento à Embaixadora estona na Rússia, quando a UE decidiu intervir demandando que a Rússia respeitasse a Convenção de Viena sobre Relações Diplomáticas. Além disso, a OTAN também expressou seu apoio²⁶. A Rússia respondeu a este incidente impondo diferentes modalidades de retaliações econômicas contra a Estônia.

No plano interno estoniano, este episódio fez com que o governo revisasse questões como as relações étnicas nos Estados bálticos, uma vez que a hipótese que se tinha até aquele momento era de que a integração se daria à medida em que as gerações fossem substituídas por outras mais jovens, educadas e crescidas nos países bálticos. A questão é que existia um interesse real das minorias russas em permanecer nos países bálticos, uma vez que poderiam encontrar condições e oportunidades de vida superiores as que encontrariam na Rússia. Assim, os que desejavam voltar já haviam feito isso nos anos imediatamente após a independência, já os que ficaram tiveram que se integrar a vida local (LAITIN, 1998, p. 353).

É provável ainda que a Rússia continue a levar questões de abusos dos direitos humanos das minorias russas na Letônia e Estônia a diversos foros

²⁶ A partir de abril de 2007 uma série de *websites* governamentais e de empresas locais da Estônia foram tirados do ar ou tiveram seu conteúdo alterado (uma espécie de vandalismo digital), em que os sites saíram do ar devido a um forte aumento de pedidos de acessos artificiais, fazendo com que os servidores não pudessem processar e saíssem do ar. O Governo da Estônia acusou a Rússia de coordenar o ataque cibernético, sendo que o Governo russo negou diplomaticamente o ataque, a Estônia tratou o caso como violação ao seu território, convocando o suporte militar da OTAN, que enviou um time de especialistas em tecnologia da informação para analisar a situação. Esta foi a primeira vez que a OTAN admitiu a relação entre ataques virtuais e uma guerra normal, classificando como um cyber ataque (CARREIRO, 2012).

internacionais, como a Assembléia Geral das Nações Unidas, o Conselho de Direitos Humanos nas Nações Unidas, o Conselho da Europa e a OSCE (AMARAL, 2011, p. 144). Os Estados bálticos ainda procuram responsabilizar a Rússia pelas violações de direitos humanos ocorridas durante a ocupação soviética, além de chamar a atenção da comunidade báltica sobre o assunto.

A Lituânia, por sua vez, foi protagonista de um episódio que representou o ponto mais baixo no relacionamento de qualquer um dos bálticos com a Rússia. Em 2008, foram bloqueadas as negociações de um novo instrumento para regulamentar as relações União Europeia-Rússia que substituiria o Acordo de Parceria e Cooperação²⁷ assinado em 1994, mas que apenas entrou em vigor em 1997. Em 2006, a Comissão Europeia propôs aos Estados Membros um acordo de longo prazo que expandisse a cooperação de Bruxelas com Moscou. Porém, a Lituânia, isoladamente impediu o consenso comunitário adicionando três novos elementos que deveriam ser incorporados ao mandato da Comissão Europeia nas tratativas com a Rússia.

As exigências da Lituânia foram as seguintes: 1) Em relação à energia, incluíram-se referências em relação às obrigações da Rússia nos termos da Carta da Energia²⁸ e a necessidade de esforços da Comissão no sentido de refletir tais obrigações no futuro instrumento jurídico bilateral; 2) Quanto à “cooperação judiciária”, a Comissão Europeia obrigou-se a expressar às expectativas de Bruxelas de cooperação mais efetiva de Moscou na apuração de fatos relativos a violência ocorridos em 1991, quando forças russas invadiram a torre de TV e rádio em Vilnius, matando 14 pessoas, ou mesmo quando 7 guardas desarmados foram mortos por soldados soviéticos na fronteira com Belarus pouco antes do reconhecimento da independência dos bálticos, e ainda, em relação a esta exigência, a Comissão concordou em expressar esclarecimentos sobre o andamento das compensações sobre os casos de deportação durante a ocupação soviética; 3) Em relação aos conflitos na Geórgia e na Moldávia, foi solicitado à comissão que buscasse formas

²⁷ Acordo assinado entre União Europeia e Rússia visando diálogos políticos, o aumento das relações comerciais e o investimento de atividades empresariais (EUROPEAN COMMISSION, 2016).

²⁸ Assinado em dezembro de 1994 e encerrado em abril de 1998, por 52 países europeus, o Tratado da Carta de Energia promovia um quadro multilateral para a cooperação energética da Europa, a partir de debates que incluíam assuntos como eficiência energética, investimentos externos na área da energia, questões comerciais e etc (ENERGY CHARTER, 2016).

de resolução para preservar a integridade territorial dos dois Estados (PAVILIONIS, 2008, p. 174-181).

Neste sentido, a Lituânia deu encaminhamento aos problemas com a Rússia que diziam respeito não apenas às minorias étnicas, mas também sobre a questão fronteiriça com o território russo. Importante observar que nenhum destes temas estava de fato ao alcance direto lituano, sendo de maiores proporções, botando a Lituânia em uma posição curiosa para uma nação que deu um encaminhamento aos problemas com a Rússia.

Desta forma, percebe-se que enquanto o relacionamento da Estônia com a Rússia passa por dificuldades, uma vez que a diplomacia dos países não parece estar aberta a concessões, a Lituânia está mais aberta a conversas, por não apresentar problemas concretos. Já a Letônia pode ser considerada como o país báltico que mais progrediu em termos de relacionamento com a Rússia nos últimos anos, fator que pode ser explicado pelo fato de a população russa habitar a região muito antes da ocupação soviética, sendo até hoje a maioria da população.

3.4 Os Bálticos e a adesão à União Europeia

O acesso à Finlândia, Suécia e Áustria a UE, em 1995, foi o evento que desencadeou a adesão dos bálticos à mesma organização, visto que naquele momento a Finlândia e a Suécia se tornavam os principais parceiros comerciais dos bálticos, especialmente da Estônia. Esta relação também foi fundamental para a reorganização da geopolítica do norte europeu (KASEKAMP, 2013).

Diferente dos demais países europeus, os bálticos tinham um posicionamento mais fraco com relação à União Europeia: eram os Estados mais pobres e os candidatos menos conhecidos, suas fronteiras com a Rússia continuavam a ser uma “linha vermelha” geopolítica e havia o receio em relação à Rússia devido às questões de minorias étnicas nos bálticos. Além disso, os bálticos tinham que remodelar diversas áreas, uma vez que não tinham exército, ministério da defesa, diplomatas, moeda nacional, banco central ou guardas na fronteira. Por outro lado, isto permitiu a implementação das melhores práticas europeias aos bálticos, uma

vez que adequar países inexperientes ao modelo europeu é mais fácil do que reestruturar sistemas já experientes.

Neste sentido, a Estônia, Letônia e Lituânia são os únicos países do antigo bloco soviético que passaram a integrar a União Europeia. Isso pode ser explicado pelo fato de que pertencer a UE não era apenas uma questão geopolítica, mas também define a linha dos seus valores e identidades (KASEKAMP, 2013, p.16). Ainda nas palavras de Kasekamp sobre os bálticos,

*They have successfully overcome two upheavals in the past two decades: the wrenching transition from a command economy to a free market system after the collapse of the Soviet Union and the imposition of the most drastic austerity measures at the beginning of the current global financial crisis (2013)*²⁹.

Para o diretor do Instituto de Relações Internacionais e Ciência Política da Universidade de Vilnius, Ramunas Vilpisauskas, o tema que melhor se refere à contribuição dos bálticos dentro da UE é o engajamento na promoção de uma política de boa vizinhança efetiva com leste europeu (AMARAL, 2011, p. 153). Neste sentido, a UE vem trabalhando para expandir a política de boa vizinhança a países como Ucrânia, Moldávia e Geórgia, uma vez que estas regiões sofrem uma forte influência russa, tornando-se preocupação para a Letônia, principalmente em relação a Belarus, país que divide fronteira com o território letão.

Com relação à Lituânia, o assunto fronteiriço de Belarus é tratado como tema de importância de primeiro plano para o país. O ex-chanceler Vygaudas Usakas define a posição do país em entrevista concedida em 2009, como:

Lithuania has been a passionate supporter for EU and NATO enlargements. We all witnessed how the preparations for the EU membership influenced and facilitated not only economic, but also political transition of countries which were eager to join the EU. As the founding member of the Vilnius Group (10 countries club which worked together for NATO membership), Lithuania strongly supports membership in the EU and NATO for the Western Balkans, believe that Turkey should take its place within Europe and that both organizations, NATO and the EU, should remain open for countries, such as Ukraine, Moldavia and Georgia, provided that they express genuine interest, conduct necessary reforms and ensure their sustainability (AMARAL, 2011, p. 154)³⁰.

²⁹ Eles superaram com sucesso duas revoltas nas duas últimas décadas: a transição dolorosa de uma economia planificada para um sistema de livre mercado após o colapso da União Soviética e a imposição de medidas de austeridade mais drásticas no início da atual crise financeira global.

³⁰ Lituânia tem sido um forte defensor pelo alargamento da UE e OTAN. Todos testemunhamos como os preparativos para a adesão à UE influenciou e facilitou não apenas a economia, mas também a

Já o subsecretário das Relações Exteriores da Estônia, Harry Tiido defende que os países bálticos podem representar um diferencial para a construção da estabilidade e segurança da Europa quando se trata de política de boa vizinhança. A política de boa vizinhança, lançada em 2004, tem por objetivo promover a estabilidade, prosperidade e segurança de regiões localizadas na periferia das novas fronteiras da UE. Além disso, visa evitar o surgimento de linhas divisórias na Europa após a entrada de novos membros.

A adesão dos bálticos à União Europeia certamente representou um marco histórico para ambos os lados. Para a UE, que pela primeira vez recebia membros da antiga URSS, e para os próprios bálticos, que apresentaram um desenvolvimento surpreendente nos anos 1990, fator decisivo para a adesão à integração. Além disso, a chamada “dupla adesão” refere-se também ao fato de os bálticos passarem a fazer parte da OTAN, que também é um fato curioso, levando em consideração que as premissas básicas do tratado, desde o seu surgimento em 1949, foram conter o avanço do socialismo estabelecido pela URSS.

Após análise do presente capítulo, percebe-se que os bálticos tiveram um desempenho surpreendente a partir da década de 1990, quando readquiriram sua independência, uma vez que se estabeleceram em termos econômicos e políticos em um período de tempo relativamente curto. Importante lembrar que no momento da independência as repúblicas eram vistas como “Estados frágeis” pela comunidade internacional, e mesmo assim conseguiram resolver tanto problemas internos, como é o caso das minorias étnicas, como a maior parte dos problemas externos – principalmente com os vizinhos russos – fator que garantiu as bases para a dupla adesão.

Neste contexto, a questão da adesão báltica à OTAN será analisada no próximo capítulo, assim como os interesses de ambos os lados.

transição política dos países que estavam ansiosos para aderir à UE. A medida que o membro fundador do grupo Vilnius (10 países que trabalharam juntos para a adesão à OTAN, Lituânia apoia firmemente a adesão à UE e OTAN para os Balcãs Ocidentais, acreditando que a Turquia deve tomar o seu lugar na Europa e que ambas as organizações, UE e OTAN devem permanecer abertas para países como a Ucrânia, Moldávia e Geórgia, desde que estes expressem interesse genuíno, realizem as reformas necessárias e garantam a sua sustentabilidade.

4 OS BÁLTICOS E A OTAN

Este capítulo pretende apresentar o processo de adesão da Estônia, Letônia e Lituânia à OTAN, bem como o seu desempenho no tratado. O capítulo está dividido em cinco seções, sendo a primeira responsável por descrever o Tratado, como deu-se a adesão dos bálticos e as principais dificuldades encontradas. A segunda seção trata da oposição à adesão e como os bálticos fizeram para mudar a percepção que a comunidade internacional tinha de “Repúblicas frágeis”.

A terceira seção pretende descrever como foi a participação das Repúblicas bálticas, principalmente nos primeiros anos após a adesão, e até os dias de hoje, enquanto a quarta seção trata da relação dos bálticos sendo membro da OTAN com a Rússia, e, por fim, a quinta seção apresenta a questão geopolítica da região.

4.1 A Adesão à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)

Criada em abril de 1949, a partir do Tratado de Washington, a Organização do Tratado do Atlântico Norte nasceu com três objetivos principais: conter o avanço do socialismo soviético, principalmente no leste europeu; evitar o renascimento do nacionalismo militar na Europa através de uma forte presença norte-americana; e encorajar uma política de integração europeia. Atualmente a OTAN conta com 28 integrantes e está aberta a todos os países europeus que estejam em condições de promover os princípios do tratado e contribuir para a segurança da área do Atlântico Norte, apesar de ter os EUA e Canadá como membros (NATO, 2016).

Entre os principais pontos do Tratado de Washington, assinado em quatro de abril de 1949, tem-se o artigo V, em que os Estados membros concordam que no caso de um ataque a um dos integrantes da Organização, os demais membros interpretariam como um ataque a toda a OTAN, conforme descrito no tratado:

The Parties agree that an armed attack against one or more of them in Europe or North America shall be considered an attack against them all and consequently they agree that, if such an armed attack occurs, each of them, in exercise of the right of individual or collective self-defence recognised by Article 51 of the Charter of the United Nations, will assist the Party or Parties so attacked by taking forthwith, individually and in concert with the other Parties, such action as it deems necessary, including the use of armed force, to restore and maintain the security of the North Atlantic area. Any such armed attack and all measures taken as a result thereof shall immediately be reported to the Security Council. Such measures shall be terminated when the Security Council has taken the measures necessary to restore and maintain international peace and security (NATO, 1949)³¹.

Em 2002, às vésperas da 2ª rodada de alargamento da OTAN³², a organização recebia três novos aspirantes a membros – Estônia, Letônia e Lituânia. Esta foi a primeira vez que ex-membros do bloco soviético se candidatavam a aliança. Além disso, o governo russo, apoiado por outros líderes de países do leste europeu, se opôs veementemente à admissão dos bálticos na OTAN. Os argumentos contra a adesão dos bálticos eram primeiramente que os três países não estavam prontos para isso e, depois, que o território báltico não poderia ser defendido contra um ataque russo (KRAMER, 2002). Além disso, o governo russo declarou em 2000 que os bálticos foram anexados voluntariamente ao bloco soviético, em acordo com os direitos internacionais, e ainda que as tropas soviéticas foram convidadas a ocupar seu território no início dos anos 1940. Porém, em uma

³¹ As partes concordaram que um ataque armado contra um ou mais deles na Europa ou América do Norte seria considerado um ataque contra todos, e conseqüentemente concordaram que se um ataque armado ocorrer, cada um deles, no exercício de direito de um indivíduo ou autodefesa coletiva, reconhecido no Art. 51 da Carta das Nações Unidas prestará assistência à Parte ou Partes assim atacadas, praticando sem demora, individualmente e em conjunto com as outras partes, as medidas que julgar necessárias, incluindo o uso de armamento, para restaurar e manter a segurança da área do Atlântico Norte. Qualquer ataque armado e todas as medidas tomadas como resultado do mesmo deve ser imediatamente comunicada ao Conselho de Segurança. Essas medidas devem ser encerradas quando o Conselho de Segurança tenha tomado as medidas necessárias para restaurar e manter a paz e a segurança internacional.

³² Após o término da Guerra Fria, entrou em debate a questão do alargamento da OTAN para novos membros, que segundo políticos poderia trazer inúmeros benefícios ao Tratado. Neste contexto, em 1995 a OTAN passou a analisar o primeiro alargamento da Organização. Em 1997, a República Checa, Hungria, e Polônia foram convidadas para integrar o Tratado, passando a ser os primeiros membros do Tratado de Varsóvia a integrar a OTAN em 1999. Já em 2002, Bulgária, Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia, Eslováquia e Eslovênia foram convidadas, e passaram a integrar o Tratado em 2004 (NATO, 2016).

declaração formal em 2001, o Ministro das Relações Exteriores russo declarou que as afirmações sobre ocupação e anexação dos bálticos pela URSS ignorou as realidades políticas, históricas e legais, portanto foram desprovidas de méritos.

Os EUA, por outro lado, mantiveram o argumento de que entre 1945 e 1991 os Estados bálticos foram anexados ilegalmente pela URSS. E após a independência dos países, em 1991, foram imediatamente reconhecidos pelo governo norte americano. Apesar disso, os EUA evitaram discutir a possibilidade de os bálticos tornarem-se membros da OTAN por não estarem preparados para tal aliança naquele período. Apenas em 1997 a posição norte americana mudou, nas palavras da então Secretária de Estado Madeleine Albright:

Neither the Baltic Action Plan nor this [proposed bilateral] charter is intended to take the place of NATO membership. The US recognizes that membership in NATO is a top foreign policy objective for each of the three Baltic countries. And it is our position that NATO doors, once opened, will remain open to all European democracies that are able to contribute to its goals. We remain committed to continuing our efforts to help the Baltic countries with their preparations to meet NATO accession requirements (STATE DEPARTMENT REPORT, 1997)³³.

Em 1998, os EUA assinaram o *Baltic Charter of Partnership*, que foi uma carta de parceria entre os Estados Unidos da América e os três países bálticos que visava criar condições para que a Estônia, Letônia e Lituânia pudessem um dia se candidatar a membros da OTAN. Em junho de 2002, o presidente norte-americano George Bush assinou o *Freedom Consolidation Act*, para a expansão da OTAN, fornecendo USD 21 milhões em ajuda militar aos países bálticos, abrindo-se então as portas para a efetiva adesão daqueles países à Organização.

Ao se juntar ao Programa de Paz da OTAN (*NATO's Partnership for Peace*) em 1994, sendo este um precursor da adesão à organização,

The Baltic countries pushed aggressively for accession, having to counter the belief that their small size and lack of military capability would be seen as a liability for the alliance and that because of "their geographic position, they would be impossible to defend" (CLEM, 2016, p. 82)³⁴.

³³ Nem o plano de ação dos Bálticos nem esta proposta bilateral de destina a tomar o lugar de adesão à OTAN. Os EUA reconhecem que a adesão ao OTAN é um objetivo da política externa superior para cada um dos três países bálticos. E é nossa posição de que as portas da OTAN, uma vez abertas, permaneceram abertas a todas as democracias europeias que são capazes de contribuir para os seus objetivos. Nos mantemos empenhados em continuar nossos esforços para ajudar os países bálticos com os preparativos para atender aos requisitos de adesão da OTAN.

³⁴ Os países bálticos puxaram agressivamente para a adesão, tendo que combater a crença de que

Os bálticos provaram que estavam preparados para a adesão ao enviar tropas aos Balcãs nas operações de manutenção da paz na região. Os próprios bálticos organizaram sua organização de defesa regional, e ainda continuaram a pressionar seu caso diplomático, que era ingressar à OTAN, objetivo que foi cumprido em 2004 (CLEM, 2016). Esta ação serviu de modelo para a participação em outras missões, como no Afeganistão e Iraque, que serão apresentadas em seguida.

Em março de 2004 os três Estados bálticos formalizaram o ingresso à OTAN, juntamente com a Bulgária, Eslováquia, Eslovênia e Romênia. A partir de uma pesquisa realizada em 2000 na Rússia, 37% dos entrevistados viam a presença dos países bálticos na OTAN como uma ameaça à Rússia, e apenas 17% dos entrevistados declararam não ver nenhum perigo (MALFLIET, 2001). Entre os critérios de admissão ao tratado, consta a resolução de conflitos étnicos e práticas de desenvolvimento, entre eles os compromissos de natureza militar como a elevação do orçamento de defesa para 2% do PIB, o treinamento das tropas e a disponibilidade para a participação em missões (AMARAL, 2011).

Desde 1993, os três bálticos tem trabalhado para fortalecer a cooperação da defesa regional na região. A iniciativa mais importante para isso é a BALTBAT³⁵ (*Baltic Peacekeeping Battalion*), que é composta por um grupo representante de cada um dos bálticos, que foi implantado na Bósnia como uma espécie de teste, uma vez que estas tropas são de extrema importância para a região, porque expressa o empenho dos três países em contribuir com a manutenção da paz internacional, e ao mesmo tempo, o BALTBAT ajudou os bálticos a ganhar experiência ao trabalhar juntamente com a OTAN (LARRABEE, 2003).

Desde a adesão, os esforços dos bálticos na área de defesa têm consistido em um esforço de integração na estrutura da OTAN. As forças armadas dos três países se organizaram em bases distintas, sendo as letãs estritamente profissionais, enquanto que as estonas são tanto profissionais na categoria de oficiais, como

seu pequeno tamanho e falta de capacidade militar seria visto como um passivo para a aliança e que por causa de “sua posição geográfica, eles seriam impossíveis de defender”.

³⁵ Uma unidade tri-nacional pacificadora, iniciada no final de 1994. Hoje, a BALTBAT é um batalhão de infantaria combinado, capaz de participar de operações de paz e de contribuir para a segurança regional. BALTBAT é sediado na Letônia (MFA, 2014).

possuem soldados alistados ao serviço militar. Na Lituânia as forças armadas encontram-se em transição de um serviço compulsório para um mais profissional. Os países bálticos defendiam dentro da OTAN a manutenção de uma política de “portas abertas” para o ingresso da Geórgia, Moldávia e Ucrânia à organização, visando diminuir a influência russa em integrar aqueles países no sistema de defesa do ocidente.

Uma das maiores dificuldades na adesão dos bálticos à Organização foi o fato de que as três Repúblicas bálticas tiveram que criar seus exércitos no início dos anos 1990, e para isso, contaram com a ajuda de outros membros da OTAN, bem como da Finlândia e Suécia, que não são membros do tratado. A partir de ajuda militar fornecida pela Dinamarca, Noruega, EUA, Alemanha e Suécia, ao equipar os três novos exércitos com armamento militar, veículos e demais equipamentos para batalhas, além de equipes de suporte e logística, foi criado o BALTBAT, conforme mencionado anteriormente.

Apesar de a contribuição militar dos Estados bálticos para a OTAN ter sido extremamente limitada no início dos anos 2000, aqueles países não seriam desqualificados para a adesão, uma vez que estavam politicamente prontos para se juntar à organização, implantando todas as medidas necessárias para tal. A Lituânia, no final dos anos 1990, assinou acordos fronteiriços com a Polónia e a Rússia a fim de evitar disputas territoriais, a Estónia por sua vez registrou grandes avanços na questão étnica que causava tensões em seu território no início da década de 1990 (KRAMER, 2002).

A OTAN foi a primeira organização securitária na Europa, e claramente se enquadra no conceito de Comunidade de Segurança, uma vez que seus membros dividem valores democráticos liberais e uma identidade comum, além de possuírem um princípio de paz democrática e um mecanismo de defesa e segurança coletiva para uma possível crise. Alex Bellamy define o conceito de Comunidade de Segurança como “*A world of mature, overlapping security communities may also provide perpetual peace between states*” (2004)³⁶. Complexo de interdependência é outra característica das Comunidades de Segurança pós-modernas, Keohane e Nye

³⁶ Um mundo maduro, a sobreposição de comunidades de segurança também pode fornecer paz perpétua entre os Estados.

definem como “*multiple channels connecting societies, absence of hierarchy among issues and absence of use of military force against each other*” (1977)³⁷.

Mölder afirma que dividir valores similares pelas nações são os elementos mais importantes para se estabelecer uma comunidade de segurança de sucesso, e ainda que os países que pretendem se juntar ao tratado devem aplicar uma identidade comum à Organização. Mas de fato, a OTAN não apenas estimula a segurança cooperativa institucionalmente, mas também exerce um relacionamento bilateral com países de outras regiões, além de ter estabelecido uma estrutura para os países de contato.

Neste sentido, os bálticos se encaixam perfeitamente ao modelo de Comunidade de Segurança estabelecido por Buzan, pois além de dividirem uma identidade comum devido à sua proximidade tanto territorial como cultural, os Estados bálticos têm um grande interesse no desenvolvimento da paz democrática, fator que pode ser explicado pela história violenta da região. Ainda, os bálticos não apresentam valores compartilhados apenas por eles mesmos, mas desde 2004, com a dupla adesão, estes países têm se aproximado cada vez mais do centro europeu, inclusive, adotando o Euro como moeda nacional, reforçando o sentimento de coletivismo da Organização.

4.2 A oposição à adesão

É importante ressaltar que diversos países, principalmente os do leste europeu, se opuseram à admissão dos Estados bálticos na OTAN com base em três argumentos: primeiro, que os bálticos não estavam prontos para tal aliança, e provavelmente nunca estariam, segundo, que a entrada dos bálticos na organização causaria um profundo antagonismo entre a Rússia e o leste. O terceiro argumento é de que a adesão dos bálticos ao tratado iria diminuir a essência militar da aliança, uma vez que criaria um compromisso de defesa que os membros teriam que cumprir (KRAMER, 2002), e naquele momento, a comunidade internacional via os bálticos como Repúblicas frágeis, uma vez que haviam recém se libertado da URSS e

³⁷ Múltiplos canais conectando sociedades, ausência de hierarquia entre os problemas e ausência de uso de força militar uns contra os outros.

adquirido a própria independência, dispondo de poder militar extremamente restrito. Neste contexto, os bálticos mais necessitavam de ajuda, do que estavam em condições de ajudar a OTAN.

Ainda, os países que se opuseram à adesão sustentaram que os Estados bálticos *“have not created the conditions necessary to achieve the political and military criteria [for] new members”* (MEYER, 2000)³⁸. Para eles, os bálticos ainda eram deficientes em três áreas: primeiro na questão territorial com a Rússia, em que os bálticos ainda não haviam resolvido todas as disputas externas com os vizinhos russos, a segunda área trata-se da questão das minorias, uma vez que os bálticos falharam em resolver as disputas étnicas em seus países e são confrontados pelas minorias étnicas presentes em seus territórios, fator que ameaça a estabilidade interna dos países. A terceira área é a militar, uma vez que nenhum dos três países bálticos possuía na época uma força militar capaz de defender adequadamente o seu próprio território ou de contribuir efetivamente para a defesa coletiva da OTAN (KREMER, 2002).

Para Colonel Kent Meyer, um dos maiores oponentes à adesão dos bálticos à Organização,

NATO’s ‘mission [is] to defend the territory of its members against Russia’ and that letting the Baltic states into NATO will ‘jeopardize vital US national interests’ and ‘seriously undermine the Alliance’s ability to perform its Article 5 mission’ of collective defence (MEYER, 2000)³⁹.

Meyer ainda afirma que a adesão dos bálticos pode ajudar a propagação e democracia nos Estados que seguem ideias comunistas, mas por outro lado, não se sabe se com a adesão dos bálticos à OTAN, os membros poderão de fato executar o Artigo V do tratado de Washington como previsto.

A maior oposição foi feita por parte da Rússia, cujo principal argumento era de que essa possível adesão iria atravessar a “linha vermelha” entre as relações de Moscou com a OTAN, trazendo sérias consequências. Em março de 1997, o então presidente russo, Boris Yeltsin, tentou um acordo com o então presidente norte

³⁸ Não criaram as condições necessárias para atingir o critérios políticos e militares [para] novos membros.

³⁹ A missão da OTAN é defender o território de seus membros contra a Rússia e ainda, deixar os Estados bálticos na OTAN irá “prejudicar os interesses nacionais vitais dos EUA” e “prejudicar seriamente a capacidade da aliança para executar sua missão do Artigo 5” de defesa coletiva.

americano, Bill Clinton, para que os bálticos não fossem admitidos na aliança, porém o acordo foi recusado pelo presidente norte americano. Já o presidente Vladimir Putin minimizou a questão báltica, reconhecendo que a Rússia havia se precipitado em relação à rodada de alargamento da OTAN, se opondo à adesão dos bálticos para não comprometer a relação Rússia – OTAN. Ainda, a cooperação entre Rússia e EUA em relação ao terrorismo após os atentados de 11 de setembro de 2001 ajudaram a amenizar a questão dos bálticos nas relações entre a OTAN e a Rússia (LARRABEE, 2003).

4.3 Os Bálticos nas missões da OTAN

Apesar de os três bálticos já terem participado de missões da ONU e OTAN nos Balcãs e Oriente Médio desde a metade dos anos 1990, o envolvimento da Estônia, Letônia e Lituânia nas operações do tratado no Afeganistão e Iraque entre 2003 e 2014 foram um desafio (SZYMAŃSKI, 2015). Os três países contribuíram de alguma forma na guerra contra o terrorismo, a Letônia enviou forças especiais ao Afeganistão, enquanto que a Estônia enviou um time de cães detectores de explosivos ao mesmo país. Já a Lituânia enviou uma unidade de forças especiais além de uma equipe médica. Apesar de a participação dos países bálticos ter sido pequena, foi um importante indicador de que todos os três Estados estavam preparados para contribuir na guerra contra o terrorismo. Além do apoio ao Afeganistão, os três bálticos também apoiaram politicamente os esforços norte americanos para desarmar o Iraque em 2003, os três países assinaram a carta de Vilnius 10, cujo objetivo era desarmar Saddam Hussein. A Lituânia, ainda, providenciou o trânsito para as forças americanas na campanha do Iraque (LARRABEE, 2003).

A partir deste evento, a Letônia e a Lituânia modernizaram as suas forças armadas, que passaram a ser mais profissionais. Além disso, os três bálticos adotaram outras reformas, como a redução do número de tropas e investimentos na Marinha e forças especiais. A Estônia, por sua vez, adotou uma postura mais reservada em relação às mudanças, mantendo uma alta capacidade de mobilização, realistamento e um princípio de defesa total, que previa o envolvimento de todas as

estruturas militares e civis na defesa do Estado. Ainda assim, os bálticos têm um potencial militar pequeno, e não conseguem sozinhos defender seu território contra possíveis invasões. Os bálticos também têm intensificado seus esforços para aumentar o seu potencial militar, além de estabelecer uma posição permanente das forças da OTAN em seu território após as hostilidades entre Rússia e Criméia (SZYMAŃSKI, 2015).

Além das missões no Afeganistão e Iraque, a OTAN também enviou tropas ao Kosovo em 1999 para acabar com a violência generalizada e deter o desastre humanitário. Mesmo com a declaração de independência do país em 2008, a OTAN optou por manter tropas permanentes na região, que tem ajudado a criar uma força de segurança profissional na região, que é uma força armada responsável por tarefas de segurança que não cabem ao departamento de polícia (NATO, 2016). A Letônia contribuiu enviando diversos soldados para a missão, além de disponibilizar dois de seus funcionários do Ministério da Defesa Letã para trabalhar no suporte do desenvolvimento do Ministério das Forças de Segurança do Kosovo, a Estônia e a Lituânia também enviaram ajuda militar, dispondo de diversas tropas à missão.

Em 1995, a ONU convocou as forças da OTAN para uma operação de pacificação na Bósnia e Herzegovina para conter a violência que se estabeleceu no território a partir do desmembramento da Iugoslávia em 1992. Porém, com o objetivo de melhorar a situação securitária da região, a OTAN encerrou sua participação na operação no final de 2004, quando a União Europeia enviou um novo batalhão de força para a Bósnia (NATO, 2016). Entre 1996 e 2009, a Letônia contribuiu para o financiamento conjunto da operação, juntamente com a União Europeia, enquanto que a Estônia e a Lituânia enviaram tropas à missão.

Na Macedônia, a OTAN implementou três missões entre agosto de 2011 até março de 2013, com o objetivo de diminuir o crescimento de tensões étnicas na região. A primeira operação, chamada de *Essential Harvest* visava desarmar os grupos étnicos da Albânia, já a operação *Amber Fox* fornecia suporte e proteção para a execução dos planos de paz, e a operação *Allied Harmony* forneceu uma espécie de assessoramento ao governo para ajudá-lo a garantir estabilidade em todo o país (NATO, 2016). A Lituânia apoiou a missão enviando soldados para a operação. Quanto à participação da Estônia e Letônia não se tem nenhum registro.

Com o objetivo de derrubar o regime Qadhafi em Benghazi, na Líbia, o Conselho de Segurança da ONU adotou as resoluções 1970 e 1973 em 2011, cujo objetivo era “condenar a violação grosseira e sistemática dos direitos humanos”. As resoluções incluíram uma zona de exclusão aérea, embargo de armas e autorização aos países membros de agirem de forma adequada através de organizações regionais e tomar todas as medidas necessárias para proteger os civis libaneses. A OTAN reforçou a zona de exclusão aérea inicialmente, porém em seguida assumiu o controle de todas as operações militares no país, e foi encerrada no final do mesmo ano após cumpridos todos os objetivos com sucesso (NATO, 2016). A completa renovação da Líbia e o fortalecimento da democracia requer o apoio ativo da comunidade internacional, principalmente da ONU e OTAN. Neste sentido, a Letônia tem apoiado a Líbia com o que está ao seu alcance, assim como a Estônia e a Lituânia.

No total, a Estônia foi o país que mais enviou tropas às missões de pacificação, totalizando 47 tropas e 3 especialistas militares. A Letônia, por outro lado teve a menor participação, com o envio de apenas uma tropa. E a Lituânia não enviou tropas militares, porém enviou ajuda policial (UN, 2016).

4.4 Os Bálticos e a questão russa

Para Gomes (2007), a posição geográfica da região báltica, e principalmente da Lituânia, assume três papéis principais. O primeiro seria uma “ponte” entre a península escandinava e a Europa central e o nordeste europeu, que estimula o comércio entre estas sub-regiões. O segundo seria a cooperação transnacional que resulta deste comércio, que seria a integração entre os povos destes Estados. E o terceiro é de que a região báltica é a principal porta de acesso da Rússia ao ocidente, sendo o caminho para a UE e a OTAN até Moscou. Estes fatores fazem com que a região dos bálticos desperte o interesse russo, tanto em um nível comercial, como geopolítico devido à localização dos três países.

O mar báltico ganha relevância no contexto geográfico uma vez que inclui diversos modelos de complexo de segurança, sendo o complexo nórdico formado por Finlândia, Suécia, Noruega e Islândia; o complexo báltico formado pela Estônia,

Letônia e Dinamarca, Lituânia, e a junção destes dois complexos resultou no Complexo de Segurança Nórdico-Báltico (MÖLDER, 2006). Buzan define os complexos de segurança “*as a group of states whose primary security concerns link together sufficiently closely, so that their national securities cannot be realistically considered apart from one another*” (1991, p. 190)⁴⁰.

A partir do evento contra a Geórgia em 2008, quando a Rússia passou a fazer uso do seu poder militar contra o país, além do reconhecimento de independência dos territórios separatistas, a sensação de segurança por parte dos bálticos em relação a Rússia tem diminuído drasticamente. Ainda em 2008, o presidente Dmitri Medvedev expandiu uma doutrina de assuntos externos do país que permitia à Rússia defender unilateralmente seus cidadãos, assim como seus interesses comerciais, mesmo através de suas fronteiras. Esta ação foi vista pelos bálticos como um sinal de que Moscou estaria interessado em aumentar sua influência nestes países (HYNDLE-HUSSEIN, 2015).

Com a anexação da Criméia e a ameaça de guerra na Ucrânia, esse sentimento de insegurança aumentou, especialmente no contexto da intensificação da campanha de propaganda da Rússia dirigida aos bálticos, que são vistos pelos russos como inimigos por estarem violando os direitos da população russa. Essa campanha é acompanhada de ações violentas por parte da Rússia com os países bálticos, que incluíram a demonstração de seu poder militar em ações como a intensificação de missões de reconhecimento realizadas por aeronaves militares da Rússia, bem como a violação do espaço aéreo dos países bálticos.

Neste sentido, os bálticos temem o poder russo com base em duas questões: as ações hostis russas e a preparação da OTAN para conceder o apoio às repúblicas bálticas dentro da aliança. Ainda um ataque militar direto da Rússia aos bálticos ser considerado pouco provável, o possível conflito viria a ser um desafio importante para os três bálticos, uma vez que mesmo com o aumento nos investimentos voltados às questões militares, ainda contam com forças um tanto restritas para um possível combate (HYNDLE-HUSSEIN, 2015).

⁴⁰ Como um grupo de estados cujas preocupações de segurança primárias são estar suficientemente interligados, para que os seus títulos nacionais não possam ser realisticamente considerados separados um do outro.

Não se sabe ainda, até que ponto os bálticos estão de fato protegidos pela OTAN de uma eventual agressão por parte de Moscou, uma vez que o único compromisso da organização em relação aos três países está no monitoramento do espaço aéreo, que é feito através de caças aéreos cedidos por outros membros da OTAN, e atrelados a uma base aérea no território lituano (AMARAL, 2011). Mas sabe-se que os bálticos, assim como os outros membros da Organização se juntaram à OTAN principalmente por não poderem, sozinhos, realizar nenhum ataque militar. Porém, mesmo os bálticos juntos serem menor do que a maioria dos membros da OTAN (com exceção da Islândia e Luxemburgo), seu papel militar não está abaixo de nenhum outro membro do tratado.

Patanzi (2016), defende que a OTAN não está em uma posição real de proteger a Estônia, a Letônia e a Lituânia em uma situação de um possível ataque russo. O autor ainda sustenta que, em geral, pequenos países anfíbios, como os bálticos, não conseguem ser defendidos indefinitivamente contra vizinhos muito mais poderosos que estejam a procura por acesso ao mar, como é o caso da Rússia. Nicholas Spykman, sustenta que

The fate of the newly-created coastal states (...), the three Baltic states of Latvia, Lithuania and Estonia is still to be determined, but to the geographer they appear as distinct anachronisms in the evolution of geographic state types, and it is hard for any student of history to study a map of Europe without a strong conviction that Russia will some day force her way to the Baltic and swallow them a second time (GEOGRAPHY AND FOREIGN POLICY II, 1938, p. 219-220)⁴¹.

Em resposta à intervenção russa na Ucrânia em 2014, a OTAN decidiu aumentar sua presença militar nos países bálticos, além da Polônia, Romênia e Bulgária, reforçando a atividade aérea e marítima nos bálticos. Os Estados Unidos da América, por sua vez, optaram por aumentar o número de militares participando da *Baltic Air Policing* (BAT).

⁴¹ O destino dos recém-criados Estados costeiros (...), os três Estados bálticos Letônia, Estônia e Lituânia está ainda a ser determinado, mas para os geógrafos eles aparentam um distinto anacronismo na evolução dos tipos geográficos de estado, e, é difícil para qualquer estudante de história para estudar um mapa da Europa sem uma forte convicção de que a Rússia algum dia irá forçar seu caminho para o Báltico e engoli-los uma segunda vez.

4.5 A questão geopolítica

O geopolítico Karl Haushofer definiu geopolítica como ciência aplicada que estuda a situação geográfica dos Estados, assim como sua configuração física, e como esses fatores influenciam os aspectos políticos, econômicos, sociais e militares dos Estados que tem uma Geografia Política como base (LOSANO, 2008). A Geografia Política refere-se ao estudo das relações entre o espaço e poder, é uma doutrina da estrutura espacial dos organismos vivos. A Geopolítica, por sua vez, utiliza a Geografia Política como base para elaborar uma relação entre o desenvolvimento histórico com as condições de espaço e solo, forma de atuação política na luta dos organismos estatais pelo espaço vital (HAUSHOFER, 1932). Simplificando, geopolítica é a capacidade de formar uma estratégia política, levando em consideração o território e o espaço geográfico, assim como a interação entre Estados.

Os Estados bálticos possuem características geográficas de extrema importância, uma vez que estão localizados em uma região contornada pelas principais colisões geopolíticas, e ainda, em uma região viável para um confronto de potências globais. Neste sentido, Chatzopoulos (2013) defende que a região báltica chama a atenção tanto de potências marítimas como continentais. Ainda, os bálticos se destacam por duas características: primeiro, estão em uma situação desfavorável em termos demográficos e territoriais contra os seus vizinhos, que são muito maiores e relativamente mais poderosos, e segundo, a inexistência de instituições civis nestes países era óbvia, o que fez com que a política fosse baseada em laços étnicos e linguísticos da região. Ainda, os três bálticos passam por uma insegurança permanente desde a queda da URSS, uma vez que a situação geográfica e geopolítica específica da região impediu um ambiente seguro, e além disso, não receberam garantias de segurança nenhuma vinda dos países vizinhos.

Do ponto de vista dos Estados com maior Poder Marítimo⁴², principalmente o Reino Unido e os Estados Unidos da América, os bálticos possuem uma função importante como barreira e como uma ponte entre a Europa Central e a Rússia. As potências marítimas procuraram ao longo dos anos não apenas conter a influência

⁴² Poder Marítimo é definido pela capacidade de desenvolver, explorar, criar e defender os interesses marítimos de um país, tanto em um momento de paz, quanto em um momento de conflito, é integrado por diversos elementos e está relacionado aos valores econômicos e sociais (CUADROS, 2005).

do poder alemão e russo, bem como transmitir os valores liberais e democráticos dos Estados Marítimos para as Repúblicas bálticas. Após a derrota alemã na Primeira Guerra Mundial, o objetivo alemão era garantir suas esferas de influência em toda a Europa Central e Oriental, para isso, fundou protetorados alemães, e o plano geopolítico dos nazistas foi usar a região báltica como satélites. A Rússia, por sua vez, via nos bálticos uma ferramenta importante para a expansão do socialismo soviético para o Ocidente Europeu, e em contrapartida, após a Segunda Guerra Mundial, a Europa Central via os bálticos como mecanismo para conter o avanço da URSS. Ainda, a posição geoestratégica báltica sugere que a Rússia é a principal ameaça à soberania das três Repúblicas (CHATZOPOULOS, 2013). Por outro lado, Eitvydas (2000) afirma que *“assessing the situation realistically, Russia could probably project only limited military operations in the Baltic region in an opportune international situation”*⁴³.

Após o desmembramento da URSS, e com a independência dos países bálticos, instalou-se na região um sentimento anti-Rússia, como já foi apresentado anteriormente. Porém, mesmo as repúblicas bálticas tendo se juntado tanto à OTAN quanto à UE, ainda são extremamente dependentes da energia russa, portanto, continuam a manter fortes laços comerciais com Moscou. E ainda, a política energética da Rússia em relação aos seus vizinhos tem afetado de forma significativa sua relação com os membros da UE, por ser o maior e mais importante fornecedor de gás natural. Neste contexto, tanto a Estônia como a Letônia e a Lituânia necessitam manter uma boa relação com os vizinhos russos, uma vez que são extremamente dependentes da energia, gás natural e do petróleo russo.

A adesão dos bálticos à OTAN abre caminho para uma cooperação mais estreita entre a organização e a Rússia nos campos de segurança e defesa. Esse trabalho ocorre sob a forma de projetos trilaterais adotados pela *Baltic Security Assistance Group-BaltSea*⁴⁴. Ainda, a economia russa é extremamente dependente

⁴³ Avaliando a situação de forma realista, a Rússia poderia provavelmente projetar apenas operações militares limitadas na região báltica em uma situação internacional oportuna.

⁴⁴ Projetos de cooperação entre os Estados bálticos, entre eles estão: BALTBAT, BALTRON (esquadrão criado em 1997 com o objetivo de aumentar as forças navais bálticas), BALNET (projeto criado em 1996 para estabelecer um sistema de vigilância do espaço aéreo unificado em todos os três países bálticos e torná-lo compatível com sistemas de defesa aérea do Ocidente e da NATO) e BALTDEFCOL (projeto lançado em 1998 para fornecer treinamento para oficiais, funcionários e civis, na Estônia) (MFA, 2016).

da receita gerada pelas exportações à UE.

A posição geoestratégica dos países bálticos garante a eles um controle parcial das fronteiras russas com seu território, e ainda do Mar Báltico, fator de extremo interesse da OTAN, uma vez que os bálticos são a ponte entre a Europa Central e São Petersburgo, um dos principais centros comerciais e financeiros da Rússia, e o Mar Báltico é uma das principais saídas para o mar russas, local onde encontra-se o porto de São Petersburgo, que é o porto mais importante do país, responsável por movimentar o maior número de contêineres entre os portos russos. Neste sentido, em uma possível situação de conflito ou retaliação com a Rússia, a OTAN teria um certo controle sobre as operações naquela região, principalmente sobre questões comerciais, conforme a Figura 2. Ainda, a posição geográfica tanto da Estônia, como da Letônia e Lituânia, devido à proximidade com as fronteiras russas poderiam servir como uma espécie de “buffer”, favorecendo a OTAN em uma possível operação.

Figura 2 – Proximidade entre região báltica e São Petersburgo



Fonte: Norwegian Cruize, 2016.

De acordo com a teoria de Poder Marítimo estabelecida por Alfred Mahan, aquele que controlar os mares terá o controle das rotas comerciais internacionais (CUADROS, 2005). A Rússia, mesmo sendo extremamente eficiente no quesito Poder Terrestre, ainda tem uma certa deficiência na questão marítima devido à sua

localização geográfica. No norte do país está localizada a região da Sibéria, que fica coberta por gelo durante a maior parte do ano, o sul do país faz fronteira com diversos países asiáticos como a China, Mongólia e Cazaquistão. Desta forma, as principais saídas para o mar são ao leste, no Mar de Okhotsk e Mar do Japão no Pacífico e a oeste pelo Mar Báltico. Ainda, a Rússia possui saída para o Mar Cáspio, que permite acesso ao Oriente Médio, e ao Mar Negro, que permite acesso ao Mar Mediterrâneo através do Estreito de Bósforo, na Turquia, conforme a Figura 3.

Figura 3 – Áreas de abrangência da Rússia



Fonte: The World Factbook, 2016.

Conforme apresentado neste capítulo, os bálticos foram, por muito tempo considerados países muito fracos para aderir à OTAN, porém, não bastou a Estônia, Letônia e Lituânia resolverem seus problemas internos para se candidatar em vagas na organização, ainda resolveram problemas que não dependia apenas deles, como é o caso das questões fronteiriças com os vizinhos do leste europeu. Mesmo com a estabilidade que reinou na região após a Guerra Fria, os Estados bálticos ainda se sentem fortemente ameaçados pela Rússia, que tem tentado retomar o seu “antigo poder” com ações como as desenvolvidas na Ucrânia no início de 2014, fator que fez com que os bálticos aumentassem sua insegurança em relação aos vizinhos. Porém, com a adesão à OTAN, o báltico tem o Artigo 5º do Tratado de Washington em sua defesa, neste sentido, um ataque à região báltica seria entendida como um ataque a todos os membros da Organização.

Ainda, os três países, representando um importante complexo de segurança do mar báltico, apresentam uma grande importância geográfica tanto para a OTAN como para a Rússia, fator que causa o interesse de ambas as partes pela região, por ser a porta de entrada russa ao Centro Europeu, e vice e versa. A OTAN atualmente possui um maior controle sobre os bálticos, por serem membros do tratado, neste sentido fica claro que o interesse da organização na região báltica é puramente geopolítico devido à localização estratégica da Estônia, Letônia e Lituânia, conforme apresentado neste capítulo. Neste sentido, a OTAN não tem apenas uma obrigação em defender a região báltica, conforme o Artigo 5º do Tratado de Washington, mas existe de fato um interesse na região, uma vez que é muito mais vantajoso defender os bálticos de uma possível ameaça russa, do que permitir que estes países sejam tomados novamente, pois os mesmos não possuem capacidade militar suficiente para se auto defender em uma situação de possível ataque.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo analisar o caso dos bálticos na transição de parte do regime socialista soviético estabelecido pela URSS até a adesão da região báltica à OTAN, tentando entender qual é o interesse da OTAN pelos bálticos. A hipótese desta pesquisa foi de que a região dos países bálticos apresenta tanto uma importância geopolítica quanto comercial para a Organização do Tratado do Atlântico Norte devido à localização estratégica entre o Mar Báltico, a Rússia e o centro Europeu.

Inicialmente, ao descrever a ocupação soviética e nazista na região, demonstrou-se que a Estônia, Letônia e Lituânia não foram a favor de tal “aliança”. Esta foi imposta e como os bálticos naquele período eram Estados frágeis, não tiveram muitas condições de defesa, tendo que ceder às pressões dos vizinhos. A Guerra Fria pode ser considerada como um período duro para os Estados bálticos, uma vez que este evento resultou na perda da soberania da região. Entretanto, com o enfraquecimento do sistema internacional bipolar, os bálticos se fortaleceram e recuperaram sua independência. Considerou-se que o nacionalismo foi responsável pela força motora de resistência dos bálticos contra a ocupação soviética. Esclareceu-se neste capítulo que tanto a Alemanha nazista quanto a URSS tinham interesse geopolítico na região báltica, uma vez que ambos regimes tentaram dominar a região.

O segundo capítulo, que tratou do período pós-independência, descreveu o processo de estabilização da economia báltica, que era a prioridade no período. A partir disso, os bálticos passaram a crescer em um ritmo acelerado, registrando sua

década de ouro nos anos 2000, fator que chamou a atenção da comunidade internacional, uma vez que aqueles países eram candidatos a membros tanto da UE como da OTAN. Por outro lado, esse desenvolvimento báltico deixou os vizinhos russos descontentes, uma vez que os candidatos bálticos passaram a incentivar outros países de pequeno porte a se candidatarem a cadeiras nas duas organizações, o que resultou em um rompimento das relações bilaterais entre os bálticos e a Rússia.

Uma vez que os bálticos ganharam o apoio da OTAN e da UE, passaram a ser uma ameaça aos vizinhos russos, que apresentam uma deficiência no poder marítimo, resultado de sua localização geográfica. Neste sentido, verificou-se que o fato de a OTAN ter um maior controle sobre a região báltica desfavorece a soberania russa, uma vez que Mahan defendia que aquele que podia dominar o mar, podia dominar seus inimigos (CUADROS, 2005) e, neste contexto, a Rússia perdeu, de certa forma, um pouco o controle sobre a saída marítima localizada no Mar Báltico.

Por outro lado, enquanto a Rússia perde, a OTAN tem um aumento do controle da região, além de possuir Art. 5º do Tratado do Atlântico Norte ao seu favor no caso de um eventual ataque russo à região. Porém, as relações bilaterais entre os bálticos e a Rússia têm estado estáveis nos últimos anos, conforme apresentado no terceiro capítulo, enquanto a Rússia depende da receita gerada pelas exportações aos vizinhos bálticos, estes dependem das importações provenientes da Rússia, principalmente em relação à energia e recursos naturais como gás e petróleo.

Em relação às Comunidades de Segurança, os bálticos, juntamente com os demais membros da OTAN, formam a mais importante Comunidade de Segurança da Europa. Apesar de Deutsch (1957) estabelecer que este sistema previne o uso da guerra contra outros membros visando a busca pela paz mundial, a Comunidade da OTAN impõe uma certa ordem na região. Ainda, as chances de um eventual ataque russo aos bálticos, como ocorreu na região da Criméia se tornam cada vez menos prováveis, uma vez que diferente da situação da Ucrânia, os Estados bálticos não registram um sentimento separatista entre as minorias russas, favorecendo a soberania dos países bálticos.

Neste sentido, a tendência é de que as relações tanto OTAN – Rússia quanto Rússia – bálticos mantenham-se estáveis por um período indeterminado, uma vez que um eventual conflito resultaria em sérios danos para ambas as partes, tanto em termos militares como econômicos. Portanto, a expectativa dos bálticos quanto a OTAN é continuar a manter uma relação estreita com a Organização, uma vez que ambos se suportam. Assim a OTAN fica a disposição para auxiliar os bálticos em questões militares que não conseguem resolver sozinhos, como foi o caso da guerra cibernética de 2007, em que a Estônia solicitou ajuda da organização para resolver as questões com a Rússia.

Por fim, entende-se que o interesse da OTAN na região báltica se dá em um sentido geopolítico, uma vez que ter um maior controle daquela região garante maior autoridade para organização.

REFERÊNCIAS

AMARAL, José Estanislau. Usos da história: a diplomacia contemporânea dos Estados Bálticos: Subsídios para a Política Externa Brasileira. **Ministério das Relações Exteriores**. Brasília, 2011. Disponível em: <http://funag.gov.br/loja/download/837-Usos_da_Historia_a_diplomacia_contemporanea_dos_Estados_Balticos.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2016.

ARNSWALD, Sven. **EU Enlargement and the Baltic states**: The Incremental Making of New Members, Programme on the Northern Dimension of the CFSP. Helsinki & Berlin: Finnish Institute of International Affairs & Institut für europäische Politik, v. 7, 2011. E-book. Disponível em: <<https://searchworks.stanford.edu/view/4553462>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

BELLAMY, Alex J. **Security Communities and their Neighbours**: Regional Fortresses or Global Integrators? University of Queensland, Australia, 2004. E-book. Disponível em: <<http://www.palgraveconnect.com/pc/doifinder/view/10.1057/9780230005600&preventCache=1465171200074>>. Acesso em: 15 out. 2016.

BRACCI, Chelsea. Anti-Ethnic Sentiments. **Russia's Periphery**. Disponível em: <<http://russiasperiphery.blogs.wm.edu/baltic-states/general/anti-ethnic-sentiments/>>. Acesso em: 02 mai. 2016.

BRAGA, Sandra Rodrigues. Sentos, Consensos e Dissensos: Itinerários Geopolíticos de Ratzel a Lacoste. **Revista de Geopolítica**, Ponta Grossa, v. 2, n. 1 2011. Disponível em: <<http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica>>. Acesso em: 10 out. 2016.

BUHBE, Matthes; KEMPE, Iris. **Russia, the EU and the Baltic States**: enhancing the potential for cooperation. Moscou, 2005. Disponível em: <https://www.files.ethz.ch/isn/44115/2006_February_16.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2016.

BUZAN, Barry. **People, States and Fear: The National Security Problem in International Relations**. Harvester Wheatsheaf, 1991. E-book. Disponível em: <https://defenseetsecuriteinternationale.files.wordpress.com/2013/12/people__states__and_fear__an_agenda_for_international_security_studies_in_the_post_cold_war_era__ecpr_classics_.pdf>. Acesso em: 08 out. 2016.

BUZAN, Barry; HANSEN, Lene. **The evolution of International Security Studies**. Cambridge University Press, 2009. E-book. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/books/the-evolution-of-international-security-studies/BB04557E83B673F58799E2B62FA83DA1>>. Acesso em: 08 out. 2016.

BUZAN, Barry; WAEVER, Ole. **Regions and Powers – The Structure of international Relations**, Cambridge University Press, 2003. E-book. Disponível em: <<https://www.fpvmv.umb.sk/cms/saveDataFilePublic.php?uid=lhusenicova&path=JTIXJTAzJUQyJTkxZCVDNE8IQzAIRTIIMUQIQIIN0YIN0ZUJTI3JTkzJUJFJTEwdSVEQWkrJUFCJUZFJURCcyU5RCVCOUwIQTMIQTQIRTEIRDQIN0JtbiU4QyUyMSVEMS VGRiUzRCVBRIU1RSUxOCU4MSU5RCUyQyVEOCUxN28IOTIIQUUIMTAIOUQIOD QIQ0EIMjYIQtdtJTBCJUFEJTg5TEk=>>>. Acesso em: 08 out. 2016.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: Ensaios de teoria e metodologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997. E-book. Disponível em: <<http://www.univas.edu.br/menu/BIBLIOTECA/servicosOferecidos/livrosDigitalizados/historia/DominiosdaHistoriaCiroFlamarionCardosoeRonaldoVainfas.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2016.

CARREIRO, Marcelo. A Guerra Cibernética: Cyberwarface e a securitização da internet. 17. ed. **Revista Cantareira**, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wp-content/uploads/2013/05/e17a9.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2016.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. **The World Factbook**. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

CHATZOPOULOS, Ioannis. The geopolitics of the Baltic States. **Research Institute for European and American Studies (RIEAS)**, 2013. Disponível em: <<http://www.rieas.gr/research-areas/2014-07-30-08-58-27/russian-studies/2082-the-geopolitics-of-the-baltic-states>>. Acesso em: 27 set. 2016.

CHEMIN, Beatris F. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos: planejamento, elaboração e apresentação**. 2. ed. Lajeado: Univates, 2012. E-book. Disponível em: <www.univates.br>. Acesso em: 20 jun. 2016.

CLEM, Ralph S. Geopolitics and Planning for a High-End Fight: NATO and the Baltic Region. **Air & Space Power Journal**, [S.l.], 2016. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjI2oaZuP3PAhWGSyYKHSsCA6lQFggeMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.au.af.mil%2Fau%2Fafri%2Faspi%2Fdigital%2Fpdf%2Farticles%2F2016-Spring%2FV-Clem.pdf&usg=AFQjCNGWRnkR8orjwBtq-Vt6XvAF5jzb->>

Q&sig2=canQZBdsmdenLBf124y1WQ>. Acesso em: 20 ago. 2016.

CLEMENS, Walter C. **Ethnic Peace, Ethnic Conflict: Complexity Theory on Why the Baltic is not the Balkans**. Boston University, v. 43, 2010. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0967067X10000425>>. Acesso em: 04 mai. 2016.

CUADROS, Jorge Terzago. **Alfred Thayer Mahan (1840-1914) contraalmirante U.S. navy, su contribución como historiador, estratega y geopolítico**. Viña del Mar: Universidad Viña del Mar, 2005. Disponível em: <<http://www.cialc.unam.mx/pdf/mahan.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2016.

DEUTSCH, Karl et.al. **Political community and the North Atlantic Area**. Princeton: Princeton University Press, 1957. Disponível em: <http://link.springer.com/chapter/10.1007%2F978-1-349-14150-0_3>. Acesso em: 10 mai. 2016.

EITVYDAS, Bajarûnas Baltic Security Co-operation: a Way Ahead. **Baltic Defence Review**, [S.l.], n. 3, 2000. Disponível em: <<http://www.bdcol.ee/files/docs/bdreview/05bdr100.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2016.

ENERGY CHARTER. Disponível em: <<http://www.energycharter.org/process/energy-charter-treaty-1994/energy-charter-treaty/>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

ESTONIA. **Population Statistics**. Disponível em: <<http://estonia.eu/about-estonia/country/population-statistics.html>>. Acesso em 24 abr. 2016.

EUROPEAN COMMISSION. Disponível em: <http://europa.eu/rapid/press-release_IP-94-565_pt.htm>. Acesso em: 31 jul. 2016.

EUROPEAN UNION. **Member Countries**. Disponível em: <http://europa.eu/about-eu/countries/member-countries/index_pt.htm>. Acesso em 23. Abr. 2016.

FOLEY, Patrick. Molotov-Ribbentrop Pact. **Russia's Periphery**. Disponível em: <<http://russiasperiphery.blogs.wm.edu/baltic-states/general/molotov-ribbentrop-pact/>>. Acesso em: 17 Abr.2016.

GERUTIS, Albertas. **"Independent Lithuania," Lithuania: 700 Years**, ed. Albertas Gerutis. New York: Manyland Books, 1969. E-book. Disponível em: <<http://www.worldcat.org/title/lithuania-700-years/oclc/12700563>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

GLOBAL PORTS. **Key Russian gateways**. Disponível em: <<http://www.globalports.com/globalports/about-us/our-industry-overview/container-market/key-russian-gateways>>. Acesso em: 03 out. 2016.

GOMES, Daniela Siqueira. **A importância Geoestratégica da Lituânia**. 2007. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjKI->

qcuv3PAhXIQiYKHXS9BckQFggeMAA&url=http%3A%2F%2Fdocplayer.com.br%2F3965717-A-importancia-geoestrategica-da-lituania.html&usg=AFQjCNFgast3t6z0uxy3KWBY0GMmbdB1-A&sig2=BxbQV6fzAjXB_iRY1uLGpg>. Acesso em: 02 mar. 2016.

GORDON, Max. Estônia. **Russia's Periphery**. Disponível em: <<http://russiasperiphery.blogs.wm.edu/baltic-states/estonia/>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

HAUSHOFER, Karl. **Geographische Grundlagen einer Wehrkunde**. 3. ed. Berlin: Junker & Dünnhaupt, 1932. E-book. Disponível em: <<https://www.zvab.com/buch-suchen/titel/wehr-geopolitik-geographische-grundlagen/autor/haushofer/>>. Acesso em: 02. out. 2016.

HOPE, Nicholas. **Interwar Statehood: symbol and reality in the baltic states: the national self determination of Estonia, Latvia and Lithuania**. New York, 1994. E-book. Disponível em: <http://link.springer.com/chapter/10.1007%2F978-1-349-14150-0_3>. Acesso em: 20 mai. 2016.

HYNDLE-HUSSEIN, Joanna. The Baltic states on the conflict in Ukraine. **Centre for Eastern Studies**, [S.l.], n. 158, 2015. Disponível em: <<https://www.osw.waw.pl/en/publikacje/osw-commentary/2015-01-23/baltic-states-conflict-ukraine>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

INDEX MUNDI. **Lithuania vs Latvia**. 2016. Disponível em: <<http://www.indexmundi.com/factbook/compare/lithuania.latvia/demographics>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

JERVIS, Robert. Cooperation Under Security Dilemma. **World Politics**, [S.l.], v. 30, n. 2, 1978. Disponível em: <<http://www.sscnet.ucla.edu/polisci/faculty/trachtenberg/guide/jervisecdil.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

KASEKAMP, Andreas et al. **The Baltic States in The EU: Yesterday, today and tomorrow**. 2013. E-book. Disponível em: <<http://www.institutdelors.eu/media/balticstateseu-grigaskasekampmaslauskaitezorgenfreiija-ne-jdi-july13.pdf?pdf=ok>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

KEOHANE, Robert; NYE, Joseph S. Power and Interdependence: World Politics in Transition. **Political Science Quarterly**, [S.l.], v. 41, n. 1, 1977. E-book. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2149069?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 08 out. 2016.

KJÆRGAARD, Morten; LARSEN, Jens Anton Kjærgaard. The Baltics – 10 Years of Independence. **Danmarks National bank Monetary Review**, [S.l.], 2001. Disponível em: <http://www.nationalbanken.dk/en/publications/Documents/2001/10/2001_MON3_the_53.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2016.

KNUDSEN, Olav F. The Foreign Policies of the Baltic States: Interwar Years and Restoration. **Social Science Collection**, [S.l.], 1990. Disponível em: <<http://cac.sagepub.com/content/28/1/47.abstract>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

KRAMER, Mark. NATO, the Baltic States and Russia: A Framework for Sustainable Enlargement. **International Affairs**, [S.l.], v. 78, n. 4, 2002. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3095754>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

KRUTAINÉ, Aija; SAYTAS, Andrius. Ukraine crisis stokes Baltic nerves over Russia. **Reuters**, [S.l.], 2014. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/us-ukraine-crisis-baltics-idUSBREA221J520140303>>. Acesso em: 27 set. 2016.

LAITIN, David J. **Identity in Formation: The Russian-speaking populations in the near abroad**. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1998. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/canadian-journal-of-political-science-revue-canadienne-de-science-politique/article/identity-in-formation-the-russian-speaking-populations-in-the-near-abroadlaitindavid-dithaca-cornell-university-press-1998-pp-xiii-417/DA24738A2999D72665996A69100A2324>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

LAPINSKI, John Joseph. A Short History of Diplomatic Relations Between The United States And The Republic of Lithuania. **Lithuanian Quarterly Journal Of Arts And Sciences**, [S.l.], v. 36, n. 3, 1990. Disponível em: <http://www.lituanus.org/1990_3/90_3_01.htm>. Acesso em: 17 abr. 2016.

LARRABEE, F. Stephen. The Baltic States and NATO Membership. **RAND Corporation**, Santa Monica, 2003. Disponível em: <<http://www.rand.org/pubs/testimonies/CT204.html>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

LAURISTIN, Marju; VIHALEMM, Peeter. **Estonia's transition to the EU: twenty years on**. Londres e Nova York: Routledge, 2010. E-book. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/toc/rbal20/40/1>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

LIEVEN, Anatol. **The Baltic Revolution: Estonia, Latvia, Lithuania and the Path to Independence**. New Haven e Londres: Yale University Press, 1993. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/j.ctt1cc2kwj>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

LOSANO, Mário G. Karl Haushofer (1869-1946): o pai da geopolítica das ditaduras europeias. **Verba Juris**. ano 7, n. 7, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/vj/article/view/14896>>. Acesso em: 28 set. 2016.

LOTTMANN, Annelies. No Direction Home: Nationalism and Statelessness in the Baltics. **Texas International Law Journal**, [S.l.], v. 43, n. 3, 2008. Disponível em: <<http://www.tilj.org/content/journal/43/num3/Lottmann503.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2016.

MALFLIET, Katlijn; VERPOEST, Lien. Russia and Europe in a changing international environment. **Leuven University Press**. Leuven, Belgium. 2001. Disponível em: <<http://upers.kuleuven.be/en/book/9789058671950>>. Acesso em: 21 mai. 2016.

MASTNY, Vojtech. Stalin and the Prospects of a Separate Peace in World War II. **The American Historical Review**, [S.l.], v. 77, n. 5, 1972. Disponível em: <https://archive.org/stream/MastnystalinAndProspectsOfSeparatePeaceInWorld/Mastny--StalinAndProspectsOfSeparatePeaceInWorldWarIi_djvu.txt>. Acesso em: 19 abr. 2016.

MEYER, Kent R. US support for Baltic membership in NATO: what ends, what risks? **Parameters**, [S.l.], v. 30, n. 4, 2000. Disponível em: <<https://www.questia.com/library/journal/1G1-74522166/us-support-for-baltic-membership-in-nato-what-ends>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF THE REPUBLIC OF LATVIA - MFA. **Baltic Defence Co-Operation** - Main Joint Projects. Disponível em: <<http://www.mfa.gov.lv/en/security-policy/co-operation-with-nato-member-states-and-candidate-countries/baltic-defence-co-operation-main-joint-projects>>. Acesso em: 14 set. 2016.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF THE REPUBLIC OF LATVIA – MFA. **Participation in International operations**. Disponível em: <<http://www.mfa.gov.lv/en/policy/security-policy/directions-of-security-policy/participation-in-international-operations#Afghanistan>>. Acesso em: 27 set. 2016.

MÖLDER, Holger. NATO's Role in the Post-Modern European Security Environment, Cooperative Security and the Experience of the Baltic Sea Region. **Baltic Security & Defence Review**, [S.l.], v. 8, 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/257364826_NATO's_Role_in_the_PostModern_European_Security_Environment_Cooperative_Security_and_the_Experience_of_the_Baltic_Sea_Region>. Acesso em: 06 out. 2016.

MOTULAITE, Violeta; VARES, Peers. The Foreign Policies of the Baltic Countries: Basic Issues. Riga: **Center of Baltic-Nordic History and Political Studies**, 1994. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43212661?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 28 abr. 2016.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION. **History**. Disponível em: <<http://www.nato.int/history/nato-history.html>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION. **Operations and missions: past and present**. Disponível em: <http://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_52060.htm>. Acesso em: 14 set. 2016.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION. **The North Atlantic Treaty**. Disponível em: <http://www.nato.int/cps/en/natolive/official_texts_17120.htm>. Acesso em: 26 jul. 2016.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION. **What is NATO?** Disponível em: <<http://www.nato.int/nato-welcome/index.html>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

NORWEGIAN. Disponível em:

<http://pt.caps Scandinavia.com/assets/images/Norwegian_Sun_-_Mapa_Mar_Baltico.jpg>. Acesso em: 29 set. 2016.

PATANZI, Florian. **NATO and the Baltics' Geopolitical Predicament**. 2016.

Disponível em: <<https://florianpantazi.blogactiv.eu/2016/05/nato-and-the-baltics-geopolitical-predicament/>>. Acesso em: 09 ago. 2016.

PAVILIONIS, Žygimantas. Lithuanian Foreign Policy Review. Vilnius: **Foreign Policy Research Center**, 2008. Disponível em: <<http://lfpr.lt/>>. Acesso em: 16 mai. 2016.

_____. **Lithuanian position regarding the EU mandate on negotiations with**

Russia: seeking a new quality of EU-Russian Relations. Disponível em:

<<http://lfpr.lt/wp-content/uploads/2015/08/LFPR-21-Pavilionis.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

REPUBLIC OF ESTONIA. **Ministry of Foreign Affairs**. Disponível em:

<<http://vm.ee/en/country-representations/relations>>. Acesso em: 27 set. 2016.

ROBERTS, Geoffrey. The Soviet Decision for a Pact with Nazi Germany. **Soviet Studies**, [S.I.], v. 44, n. 1, 1992. Disponível em:

<<http://www3.nccu.edu.tw/~lorenzo/Roberts%20nazisovpact.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

SHNEYDER, Vadim. Lithuania. **Russia's Periphery**. Disponível em:

<<http://russiasperiphery.blogs.wm.edu/baltic-states/lithuania/>>. Acesso em: 02 mai. 2016.

SMITH. David J. **The Baltic States and their region: new Europe or old?** Amsterdã e Nova York: Editions Rodopi, 2005. E-book. Disponível em:

<<https://www.questia.com/library/117722093/the-baltic-states-and-their-region-new-europe-or>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

SPYKMAN, Nicholas J. II Geography and Foreign Policy. **The American Political Science Review**, [S.I.], v. 32, n. 2, 1938. Disponível em:

<https://www.jstor.org/stable/1948667?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 28 set. 2016.

STÆHR, Karsten; PANK, Eesti. Economic Developments in the Baltic States:

Success and New Challenges. **Monetary Review**, [S.I.], 2007. Disponível em:

<https://www.ttu.ee/public/k/karsten-staehr/008_2007-Monetary20Review.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2016.

SZYMAŃSKI, Piotr. Between continuation and adaptation: The Baltic states' security policy and armed forces. **Centre for Eastern Studies**, [S.I.], n. 190, 2015. Disponível em:

<<https://www.osw.waw.pl/en/publikacje/osw-commentary/2015-11-24/between-continuation-and-adaptation-baltic-states-security>>. Acesso em: 13 set. 2016.

TAAGEPERA, Rein; MISIUNAS, Romuald J. **The Baltic States: years of dependence 1940-1990**. [S.I.]: University of California Press, 1993. E-book.

Disponível em: <<http://www.ucpress.edu/book.php?isbn=9780520082281>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

TSARIZM. **Crimean Scenario Not Possible Baltics Says Russian Ambassador Estonia**. Disponível em: <<http://tsarizm.com/2016/10/18/crimean-scenario-not-possible-baltics-says-russian-ambassador-estonia/>>. Acesso em: 26 set. 2016.

UNITED NATIONS. **Peacekeeping**. Disponível em: <<http://www.un.org/en/peacekeeping/resources/statistics/contributors.shtml>>. Acesso em 27 set. 2016.

US DEPARTMENT OF STATE. State Department Report. n. 97–03–28. Disponível em: <<https://www.state.gov/s/l/treaty/tias/1997/>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

VARDYS, V. Stanley; MISIUNAS, Romuald J. **The Baltic States in peace and war 1917-1945**. University Park e Londres: The Pennsylvania State Press University, 1978. E-book. Disponível em: <<http://www.psupress.org/books/titles/0-271-00534-3.html>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

VERHEUL, Jan-Pieter. Latvia. **Russia's Periphery**. Disponível em: <<http://russiasperiphery.blogs.wm.edu/baltic-states/latvia/>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

WALT, Stephen M. The Renaissance of Security Studies. International Studies Quarterly, **The International Studies Association**, [S.l.], v. 35, n. 2, 1991. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2600471>>. Acesso em: 12 out. 2016.

WORLD ATLAS. Disponível em: <<http://www.worldatlas.com/webimage/countrys/europe/baltic.htm>>. Acesso em: 29. set. 2016.